

Aimée G. Bolaños

Lilian Ney

(Organizadoras)

Poesia no espelho: diálogos de autopoética



**Poesia no espelho:
diálogos de autopoética**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

CAMILA ESTIMA DE OLIVEIRA SOUTO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



EDUNI-SUL
ASSOCIAÇÃO DE EDITORAS DE JORNAIS E PERIÓDICOS
DO SUL DE MINAS GERAIS

Aimée G. Bolaños
Lilian Ney
(organizadoras)

Poesia no espelho: diálogos de autopoética



Rio Grande
2024

© Aimée G. Bolaños; Lilian Ney

2024

Imagem da capa *Dama de las camelias*
e ilustrações das páginas interiores:

Ivonne Sánchez-Barea

Poeta, Pintora y Escultora

Diagramação da capa e contracapa: Murilo Borges e Ivonne Sánchez-Barea

Diagramação: João Balansin

Ficha catalográfica

P745 Poesia no espelho: diálogos de autopoética [Recurso Eletrônico] /
Organizadoras Aimée G. Bolaños, Lilian Ney. – Rio Grande, RS :
Ed. da FURG, 2024.
154 p. : il.

Modo de acesso: <http://repositorio.furg.br>
ISBN 978-65-5754-242-2 (eletrônico)

1. Poesia 2. Metapoesia 3. Autoficção I. Bolaños, Aimée G.
II. Ney, Lilian III. Título.

CDU 821.134.3-1

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

Os textos publicados neste E-book – no que se refere ao conteúdo,
à correção ortográfica e linguística e ao estilo – são de inteira responsabilidade
dos respectivos autores.

SUMÁRIO

Convite à leitura	9
Estações poéticas	11
Beti Farias	
A taça do Germe entre a terra e a ascensão	12
Sinfonia do voo e da fonte	13
Delírios da sombra na gota poética	14
Élpis sedutora	15
A fissura dilatada e a poética da não identidade	16
Iracema	17
No intervalo da noite, as fissuras do mundo	18
Cláudia Borges	
A poeta	19
O poeta não morreu	21
Tudo é poesia?	22
Perdi um poema	23
O Soneto	24
Poema bonitinho	25
Cristina Fuentes	
Morada	26
Escrevendo-se	27
Sopro	28
Renovar	29
Diego Ravarotto	
T(eu)fania I <essência>	30
T(eu)fania II <corpo>	31
T(eu)fania III <alma>	32
Chá de boldo	33
Prazer, Poesia	34
Giulia Guadagnini	
Noturna	35
Da janela	36
Veritaserum	37
Brechó	38
O balão amarelo	39
Anatomia do invisível	40
Como é difícil se dizer	41

Irene de Marco Ferreira

Essa nova excursão	42
Poema corpo	43
Maravilhas	44
Autoexame	45
A fundo	46
A boca	47
Um banho acalma, conforta e renova	48

Josineide Silva

Eu sou várias e ainda ímpar	49
Fragmentos	50
A mulher	51
Liberdade	52
Quem és tu?	53

Lena Fuão

Refeição	54
Profundo	55
De carne	56
Indagação	57
Cena	58
Batalha	59
Arte	60

Lilian Ney

arquétipo de um poema	61
estações	62
presságio	63
as horas	64
poema	65
retrato de meu desterro	66
Para quem escreves, querida poeta?	67

Aimée G. Bolaños

No caos	68
Descoberta da Ilha	69
Aprendiz	70
A palavra	71
Indizíveis	72
Adivinha	73
O fio de Ariadne	74

Adail Sobral

Devaneios	76
Conhecer	77
Vim de longe	78
Errante	79
Transmutação	80
Poética	81
Pássaro provisório	82

Lady Rojas Benavente	
Extraña e imperfecta	83
Soy persona abigarrada dispareja	84
Palabra ala, bate	85
La entrega	86
Yo lúdico	87
Los músicos	88
Poesía	89
Ivonne Sánchez-Barea	
Acaso el silencio	90
Templo	91
Musas	92
Origami	93
Holograma de Newton	94
Pentagrama	95
El agua que me habita	96
Maria Carpi	
A poesia esperou por mim	97
A semente privou-me das asas	98
Não sou eu quem tem fome	99
Entre nós, há um fogo	100
Onde estavas	101
As palavras não as percebo	102
5	103
6	104
7	105
Diálogos de autopoética	106
Beti Farias	107
Cláudia Borges	109
Cristina Fuentes	110
Diego Ravarotto	112
Giulia Guadagnini	115
Irene de Marco Ferreira	119
Josineide Silva	121
Lilian Ney	123
Lena Fuão	125
Aimée G. Bolaños	127

Ivonne Sánchez-Barea	129
Lady Rojas Benavente	131
Adail Sobral Linguagem na vida e na arte, especialmente literária: especulações teórico- vivenciais	137
Maria Carpi Poesia, um lugar para todos	143
Aimée G. Bolaños Fios de autopoética	145
Participantes no libro	150
Organizadoras	153

Convite à leitura

*Nem todos precisamos ser escritores de poesia.
Tarefa árdua e que requer muita disciplina.
Mas, somos todos convidados a viver poeticamente.*
Maria Carpi

O fascínio pela poesia e pela escritura artística, como formas de enriquecimento humano, tanto pessoal como social, motivou o “Curso Livre Autopoética: Mulheres no espelho” oferecido pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) entre os meses de outubro e dezembro de 2023. Surgiu assim este projeto dirigido a estudantes da pós-graduação e graduação em Letras, que também estava aberto à comunidade vinculada à literatura: professores, promotores culturais, escritores de ficção, editores, leitores.

Cabe destacar a proposta do curso centrada na autoria feminina, mas de modo inclusivo, e sua orientação teórica fundada no estreito vínculo com a prática: fazer e pensar a poesia. Nossa motivação principal foi instaurar um espaço plural de reflexão e criação, possibilitando o diálogo literário e artístico com base na teoria, crítica e história da literatura. A intenção: promover a criação sobre as bases da autoconsciência poética, assim como incentivar o prazer da leitura e da apreciação artística nas suas repercussões vitais e estéticas.

Os resultados do curso são patentes no teor deste livro que nasceu de nossos encontros. A metáfora do espelho, recorrente na história da literatura e a arte, nos voltou para à autopoética no contexto ainda mais abrangente da poética. Os encontros foram de construção do conhecimento, estimulando a liberdade cognoscitiva. A maioria dos alunos tinham experiência literária, sendo a poesia o centro irradiante, publicada ou inédita, esperando pelos leitores. Certamente era a hora de abrir o cofre-gaveta do imaginário pessoal.

Desenvolveu-se uma ativa participação de pensamento em relação ao tema da escritura poética sobre a base das propostas teórico-práticas que cada encontro mobilizava e as trocas de experiências. Compartilhamos conhecimentos e descobertas, o que sabíamos e o que podíamos construir com visão mais ampla sobre o processo criativo, considerando diversidade de formas, tempos, estratégias, sentidos. Cada encontro culminava com a leitura de um poema exemplar, de transcendentales saberes poéticos. Nesse espírito lemos Cecília Meireles, Sophia de Melo, Adélia Prado, Maria Carpi, celebrando de modo emotivo e advertido a poética de obras paradigmáticas.

No curso, temas principais foram abordados. Partindo de uma visão de conjunto da hermenêutica literária em vínculo com a poética, estudamos a interpretação como discurso da leitura aprofundando no círculo hermenêutico de compreensão e explicação, conjectura e validação, sentido e referência, metáfora e símbolo. Com perspectiva histórica realizamos, ademais, um sintético recorrido de Aristóteles à poética cognitiva. Central no programa foi o estudo da categoria de autopoética, explorada nas suas pautas epistemológicas e metodológicas.

Considerando a orientação principal do curso, vale uma breve caracterização da

autopoética. Em tal sentido destacamos seu pacto implícito entre leitor e autor de fortes efeitos pragmáticos que não só cria uma imagem autoral, como também revela aspectos marcantes do funcionamento da obra ao gerar desde seu interior uma reflexão sobre composição. Dá-se visibilidade aos interesses do escritor que mobiliza variadas convenções, evidenciando os vínculos entre o sujeito-autor e o sujeito-reflexivo no seio de uma tradição literária, o qual implica um sistema de crenças que oferece uma autointerpretação referida à identidade do autor como instância em movimento. De modo muito sugestivo a autopoética leva em si uma postulação explícita do programa de poética em vínculo com a escrituras de um si mesmo transnarcisista. Seu espaço de ação concerne à metalinguagem e à metaescritura. Alheia à vontade pedagógica, normativa ou justificativa, a autopoética poderá ser entendida como o projeto autoral que funciona de modo autorreflexivo.

Conseqüentemente, o curso sistematizou a interpretação dos textos literários no viés autopoético, aprofundando na arte da composição, razão de ser da poética. Nesse contexto foram privilegiados os entendimentos de ficção, metaficção, bioficção, autoficção, assim como a relação entre autoficção e autopoética, conjuntos textuais que caracterizam a poética autoral. Sem dúvidas, estávamos no jogo de espelhos da metapoesia.

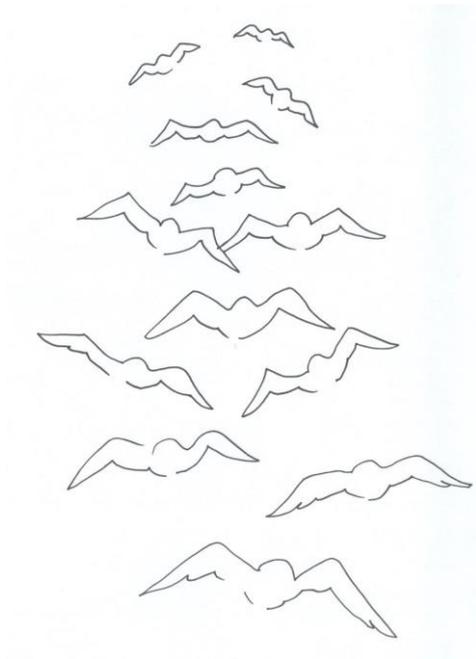
Esses conteúdos e enfoques apresentados são evidentes na estruturação deste livro que consta de duas partes principais: uma mostra metapoética e autoficcional explicitamente referida à dimensão autoral e um conjunto de reflexões autopoéticas, ambas as partes em essencial vínculo constitutivo. Nessa orientação desenhamos um conjunto de interrogantes-guias que, dirigidas aos participantes do curso, motivaram o diálogo sobre autopoética de maneira livremente especulativa.

Além disso, destacadas poetas e estudiosos da poesia fizeram suas contribuições reflexivas e autorreflexivas, diversificando o debate docente. Responderam às perguntas antes referidas diretamente ou através de textos ensaísticos, Maria Carpi, Ivonne Sánchez-Barea, Lady Rojas Benavente e Adail Sobral, que aportam seus saberes no convívio com a poética e no próprio exercício da poesia, aprofundando a proposta do livro.

Nas páginas desta obra, que agora entregamos a vocês, poderão encontrar um testemunho, singelo e complexo, de modo algum excludentes, de alunos, professores e poetas em formação ou de obra reconhecida que compartilham buscas, experiências, pensamento e criação em uma relação envolvente, instigante. Convidados estamos todos a viver poeticamente.

Aimée G. Bolaños
Lilian Ney

Estações poéticas



A poesia não é assunto, não é enredo, não é tema.

Poesia é forma, que se utiliza de tudo.

Não há temas mais poéticos.

O real é o grande tema.

Adélia Prado

Beti Farias

A taça do Germe entre a terra e a ascensão

Do primeiro dia em que a terra se tornou
substrato da incerteza
e das pedras nascerem
o musgo negro e as flores pardas
não recordo nem suspeito.
Mesmo permanecendo em mim
germe da novidade grande,
da vontade de bússolas, mapas e bretes,
falta-me o tronco de onde desfolham palavras
vencedoras do medo e do silêncio abstrato.
Não tenho a taça do germe,
porque tenho sido excessivamente terra,
porque preciso, como náufrago, subir,
porque não aceito pacificamente ir
ao fundo.

Sinfonia do voo e da fonte

Se pudesse, mastigaria
sal de velho nome desmanchado,
deixaria a saliva virgem
germinando palavras vivas,
cantaria águas fecundas
do mar onde nascemos.
Verias voar da fonte o verbo
e nadaríamos no voo ressonante.

Delírios da sombra na gota poética

Em uma noite, brincando de sonhos, libertei a imagem primeira,
ao som da gota constante e ritmado, ressoando – “Aqui”!

no ralo
da pia
pingando.

E vi gruta, abismo e relógio: na gruta o andar escuro e instável
no abismo o despertar ressuscitado, no relógio escoando
o pavor inviolável...

Em êxtase, o impulso desdobrou-se na subida,
rijo e distensionado, porque em toda luz
há tênue ou imensa sombra,
traçava a razão
sua descida

Élpi sedutora

Enquanto escrevo, desnudo-a.
Arranco-lhe da garganta a gargalhada artilosa e
os que antes a procuravam, aflitos em buscar-lhe
a face iluminada, sua voz mansa e aveludada,
hoje se ojerizam com os boatos
que espalho em palavras nunca lidas.

Escrevo-a e mostro-lhes assombrosa existência.
Anúncio: Élpi enganadora.
esperança algoz que, deleitando-se em gargalhada,
torturante, na voz da cartomante surgiu a Macabéa.

No ato da escritura não sou eu quem a crio,
porque, em Delírio,
no recôndito mais profundo,
perto do vazio mais escuro,
vi num relâmpago a criatura.
No ato da escritura decifro-a e revelo.

A fissura dilatada e a poética da não identidade

Eu não sou daqui,
ainda que me encante o silêncio ordenado
e a harmonia das cores e todas as texturas das pétalas.
Confesso ter pensado, por um instante apenas,
que não atravessaria o muro outra vez
e que aquela rede onde adormeci
poderia acolher meu corpo cansado,
onde basta sonhar e já está...
Existe!

Fascínio é sentar ao pé do rio
e ver fluir pacificamente a seiva,
e flutuarem as pedras roxas,
e ver no alto o guerreiro e a cavalaria
e sentir no peito o tropel cabalístico.

Não sou daqui.

Senti sob meus pés vibrar a voz inteligível
e de súbito vi duas árvores afastarem seus troncos centenários.
Pensei ter sido um convite, mas, de certeza,
naquele dia houve qualquer dano ou desajuste cósmico,
dilatando fissuras antes invadidas
somente pelas almas visionárias e valorosamente violentas.

Não é meu lugar.
Era foice a âncora que pensei ter visto em delírio.

Iracema

Longe da praia, onde cortinas de cristal verde
subiam ao céu estilhaçadas e os pássaros,
quase sempre clandestinos,
pousavam suas penas salgadas,
preparava a poeta, da raiz sagrada,
vermelho e espumoso vinho.

Soprou, no centro da selva,
descalça sob folhas, fumaça sobre o sumo divino,
éter excelso de agoniante enlevo
que na ilha de Patmos bebeu João
e contemplou, em êxtase de quase morte,
como nasceu a poesia.

No intervalo da noite, as fissuras do mundo

A realidade é esta:

copos sujos na pia, livros amontoados, palmeiras com folhas tortas.

A realidade de poesias vencidas e guardadas no abandono dos cantos,
da mesa Azul encardido, do cigarro apagando, do desânimo.

Sonhar o quê?

Que deslumbramento, se tudo está caótico, adoecido e tudo anda letárgico?

É preciso esperança para desejo e para os sonhos

e só restou a esperança vazia, que engana o bicho antes de ser abatido,
que faz o corpo morrer mijado no meio da rua fria.

Compor para que se a fissura no véu não muda o coberto

E se o outro lado permanece do lado de lá?

Essa é a realidade:

a de chamar tolice de esperança, ilusão de sonhos, consumo felicidade.

Acreditar em que? Em tarô? Horóscopo? Destino? Karma? Runas?

Nas ruínas.

Por isso se inventaram os deuses e a poesia que também estão do lado de lá,
porque desse, o mar tem lixo e não sereias.

E a noite é um intervalo de escuridão que se soma a nossa
e não substância.

Duas horas depois do fim e eu já sabia

que as dez do outro dia seria a tragédia vista de baixo,
do sonho colapsando no espaço com as asas pegando fogo
e a chuva de Cinza das penas.

Às 10:00 a realidade viria com olhos e dentes enormes,

sem artifícios, reivindicar sua tristeza, despovoar versos.

Custa-me olhá-la com este desânimo que instalou-se aqui.

Enquanto me esforço para manter o olhar atento ao seu todo
distraio-me com a fissura uma outra vez.

E mais outra.

Cláudia Borges

A poeta

Quando nasci...
eu, a poeta
não se fez festa
não se acreditou
escrevendo sem parar
fui crescendo
sempre pronta para lutar
com palavras
são as armas
que sei usar.

Ave, Adélia
Ávida de poesia
Te concedo o dom de emocionar com o verbo
De cortar a alma e ferir os corações
Que entendem e morrem
Quando não podem sentir e viver
No lixo, na catedral, na forma da mão
A beleza, a dor, a impaciência
Ave, poeta
Ávida de poesia.

O poeta não morreu

O poeta não morreu
está vivo no poema
quando alguém o lê,
interpreta, declama.

O poeta não foi ao inferno
apenas tentou falar das coisas do mundo
ele foi aos céus...

O poeta é anjo e demônio
anjo por poemas alegres
demônio por falar a verdade em versos

O poeta nunca morre
ele permanece nos livros
nas músicas, em nós...

Tudo é poesia?

A dança
O canto
O corpo
Basta interpretar
Ter olhar poético
O sol é poesia
A chuva é poesia
O mar é poesia
A vida é poesia

Para o olhar duro
Tudo é nada
A poesia morre
O olhar lixo
Não verá poesia na flor
Nas pessoas
Nem na palavra rimada

Poesia é visão de mundo
Transformar os sentimentos
Transbordá-los
Poesia é tudo!

Perdi um poema

Não achei mais
escrevi a mão
coloquei na máquina
entre salvar e colar e copiar
ele se perdeu
chamava-se solidão
e ficou só
perdido, para sempre.
Perdi um poema
nunca mais será igual
sua forma e palavras
foram-se para sempre.
Perdi um poema
foi como perder um amor
sabe-se que estava lá
não está mais!
Perdi um poema
na ânsia de guardá-lo
não quis deixá-lo no papel
foi-se, para sempre.
Perdi um poema
parte de mim
foi-se assim
perdi um poema
perdi...
e se esse fosse: O poema?
eu o perdi!

O Soneto

Quando nasci... eu, o belo soneto
Era italiano, por isso clássico
E assim me tornava mais que máximo
Sem preocupações, fiquei ao vento

Soava com muito brilho em cada alma
Sonoro é o som do soneto português
De Camões a Pessoa com toda calma
Ia guerreiro do inglês ao francês

Ceguei ao parnaso, usou-me Bilac
Odiado pelo modernismo de Bandeira
Esquecido no tempo com amargura

Continuo vivo, um dezoito quilates
Mesmo que tu ainda a mim não queiras
A sociedade usou-me com bravura.

Poema bonitinho

Não sei o que vou escrever,
nem sei se vou escrever,
não sei como fazer
para parar de rimar
as palavras aqui encontradas.
Sei que não se usa mais a rima,
mas é tão bonitinho!
Vou rimar mais um pouquinho...
E contínuo este não sei o quê?
Que também não sei de onde vem
Só sei que nem sei,
apenas escreverei.
Ih! Rimei!!!
Acho que vou encerrar,
assim paro de rimar,
pois isto não é para cantar,
só para brincar, brincar
até cansar e acabar.

Cristina Fuentes

Morada

Na dança etérea entre corpo e texto, eu me enlaço,
Minha essência se desvela na folha em branco.
A casca da poesia me envolve como pele a me vestir,
E nessa simbiose, ganho forma e beleza.

Vocifero palavras que emergem da alma ardente,
Mastigo o verbo, sabor da língua que é minha espada, minha potência.
Desnudo-me perante a ti, revelando o ser latente e incontáveis versões de mim mesma.

Corpo e texto entrelaçados no jogo da criação.

Na escrita, enxergo o meu eu, retomo a minha morada,
Meu corpo-texto, meu corpo-forma, meu corpo-casca.

Escrevendo-se

Em versos que desafiam, em palavras que resistem,
A escrita da mulher se levanta subversiva, persistente.
Contra o imaginário que reprime e confina,
O texto é revolução, é chama que alimenta.

Do inconsciente feminino, um despertar profundo,
Combatendo amarras, quebrando tabus.
Afastamo-nos do pudor, do silêncio imposto,
Reavemos os nossos corpos, em cada verso exposto.

Sobre nossos corpos, ensinaram-nos vergonha e pudor,
Mas na escrita, reivindicamos o acerto de contas.
Quebramos as correntes do silêncio imposto,
Lutamos para fazer parte da história.

Revelamos a alma, desvelamos a essência,
A poesia é a voz, a nossa resistência.
No papel, no verso, no grito que ecoa,
Reclamamos o direito de sermos quem entoa.

Que cada palavra seja uma ruptura,
Contra o silêncio sobre o corpo que ainda perdura.
Na subversão do texto, a liberdade se tece,
E o feminino emerge forte e potente.

Sopro

Desafiemos os limites da palavra,
Escrevamos sobre os nossos corpos, o prazer, a jornada.
Sem rimas, mas com a liberdade crua,
No papel, desvelando a essência nua.

Trajado em erotismo, moldado em desejos,
Ergamos esse império, como raios vermelhos.
As combustões intensas e efervescentes,
No território do corpo, onde a chama arde intensa.

Não sobre o destino, mas a aventura pulsante,
Viagens, travessias, despertares, instante a instante.
Descobertas na zona, antes tímida, agora audaz,
Os nossos corpos são ardor fremente.

Deixemo-nos que eles se libertem,
Destruamos jugos, censuras, em ato forte e rebelde.
Para que outras proclamem:
"Eu também transbordo, eu confesso."

Desnudemo-nos, não apenas na pele exposta,
Mas nas palavras, nas linhas, na alma que se mostra.
Desejos que inventam outros desejos, profundos,
Corpos que conhecem cantos extraordinários, fecundos.

Plenas de torrentes luminosas, prontas a explodir,
Escrevamo-nos o êxtase a se redescobrir.
Que a escrita seja luz para quem busca,
A emancipação do corpo, a liberdade as conduza,
Sejamos vorazes, sejamos insanas, sejamos inteiras.

Renovar

No espelho da alma, meu íntimo se desenha,
Percorrendo versos, a escrita me traz fôlego.
No prazer de tecer cada palavra sentida,
Retomo a voz que estava adormecida, renasço.

Erradio a luz da escrita, feito flor em esplendor,
Num movimento que transcende, puro transformar.
No papel, floresço em pura presença,
Em cada palavra, revela a força que agora se impõe.

Nesse cadenciado compasso, eu escrevo minha própria história,
Pinto minha metade do mundo.
Exploro a linguagem como quem se descobre,
Desdobro-me em mil, cada linha me envolve,
Sou eu em constante mutação.

A escrita é meu movimento, meu próprio compasso.
Assim, em cada palavra, meu ser se abre,
No momento da criação, surjo radiante, em plena renovação.
Ganho asas, finalmente sou livre, sou eu.

Diego Ravarotto

T(*eu*)fania

I

<*essência*>

Este novo verb-*être*

Sua origem ignorante aos céus

E aos seus

Cuja rebeldia se assemelha a esta

Demonstrante do que se manifesta

Dessa incessante festa

Que recobre *eu* enquanto encobre o *meu*

Eu a ti oferecido

Este texto lido

Manifestação de *eu(s)*

T(*eu*)fania

II

<corpo>

Esta então etapa com cara de entrape

Não tem ar divino

É da terra ensino

Esta sina escrita

Faz do corpo mina

Explode em tinta fina

E desenha esquina

Por onde finda a vida

Terrena, divina

Escreva | Escravo | Escrita

T(*eu*)fania

III

<*alma*>

Nessa partida chegada
Feito Hilda, me entendo como terra
Montanha altiva e gélida donde floresço eu
E ainda que o redondo de meu ser
Me impeça de ver as raízes
Sei que me mantenho
Ainda que uma parte se vá;
esta parte que
Se foi
Se escreveu
Se desfez
Se teceu
E deixou um-

Chá de boldo

É tomar chá de boldo mesmo quando não se está doente
Porque há uma dor no abdômen que não cessa
E até que a caneta escreva
Não se sente outra coisa a não ser desespero.

É enfiar a faca para retirar o nódulo inventado
É afogar as mágoas na garrafa de vinho vazio
É atirar pedras para atingir estrelas
É esforço gasto sem noção de certeza

É descartar a praticidade das expressões idiomáticas
É fazer do pouco um tudo
É colorir com uma linha um mundo
Retas, tortas, círculos concêntricos únicos
Encaixados num mesmo eixo turvo

É expandir o verbete do verbo ser
É forçar do interior um instante que pede pra nascer
É fazer vir o que se quer devir e o que se há de dever
É esquecer o que se queria fazer e *hacer*
Das tripas coração medula osso duro prazer

É medicina que maisfazdoer.

Prazer, Poesia

Eu quero tudo
Suspiro aos ouvidos
Beliscões e guinchos
Elevam-se os gritos
Minhas mãos sobre a mesa
Antebraço, cotovelo, cabeça
A folha recebe as lufadas de ar
Criam-se manchas molhadas
E o ar agora causa
Raro efeito
E suspeito que me inflas
Hiperfixas
Hiperventilas
Todas as coisas fixas
Posições específicas
O teu corpo mudo
Intruso
Escuso
Sentidos se perdem no que produzo
Esse desejo,
Esse incômodo,
Esse instinto,
Essa violência
Todos teus
Essa letra tão bela que crio com o corpo
Luz, lar, lugar a largar
Dar
E fica a pergunta:
Se eu te dou bola,
Tu me imola?
Se eu te dou essa chance,
Promete que eu sangro?
Que um enxame de ígneas cores
preenche esse vazio tão branco
Do edredom
Do crepom
Do teu ser
No meu ser
Seu
Enfim, penetra-me
Prazer, Poesia

Giulia Guadagnini

Noturna

Enquanto ela vira a página do livro
O homem arromba a porta da casa e
O pianista acorda no meio da noite

Enquanto ela lê outra poesia
O homem faz do breu seu conhecido e
O pianista procura a música do sonho interrompido

Enquanto ela cobre um pé destapado
O homem sobe as escadas e
O pianista senta-se, encarando as costas das mãos

Enquanto ela pensa em apagar o abajur
O homem já está no corredor e
O pianista busca busca busca, mas nada encontra

Enquanto ela larga o livro pesado na mesa de cabeceira
O homem abre a porta do quarto e
O pianista sente a melodia chegando

Enquanto ela vê uma sombra escura à porta
O homem tira a faca do bolso e
O pianista afunda as pontas dos dedos nas teclas em preto e branco

Enquanto ela sangra e grita e luta
O homem bate e segura e cala e
O pianista deixa a cabeça balançar de olhos fechados

Enquanto ela solta seu último suspiro
O homem sai por onde entrou e
O pianista escuta a última nota se esvaindo

Morta
Em fuga e
Cansado, porém satisfeito

Este é o fim da canção

Da janela

Sempre imagino que alguém me olha
Quando subo os primeiros degraus da escada
No momento que dou as costas à janela
E não mais vejo em meio à escuridão de plantas
Alguém escondido nos arbustos do jardim

Basta o apagar de luzes da casa que logo invento
O tiro, a faca, a flecha, a lança metálica
Quebrando o vidro e atropelando as cortinas antigas e escuras
Atrás da parede, um sorriso assassino nada camuflado me fita
E uma vontade de morte que faz brotar saliva à língua se espalha entre os dentes

Invento

O tiro a rasgar-me o peito
A faca a arrancar-me os cabelos e uma fatia da orelha
A flecha a me sair pelo olho esquerdo e assombrado
A lança a me atravessar um joelho que dói nos dias de chuva
Na esperança de me ver cair e rolar alguns degraus sem fim

O vento que balança lá fora é cortante
As luzes dos postes, vacilantes
O cheiro de fumaça a se esconder no céu, nuvem-presságio
O cão negro e solitário a vagar pela calçada vazia, eterno passante
Se torna a única testemunha da horrorosa noite imaginada

Logo não mais está lá fora aquele que me observa
Apoia-se logo acima de meus ombros e pega passagem pela garganta
Vai descendo até as pernas apressadas
Que sobem e sobem depressa para a segurança do não mais ver
Da curva que leva aos quartos-refúgios

No topo da escada
Nada aconteceu
Mas olho bem para a janela, esperando ver entre as cortinas
Qualquer sinal de capuz preto, mexer de folhas, movimento brusco
Nada se move, mas meu corpo-mulher é um constante sinal de alerta

Veritaserum

Me disseram que os cachorros
Acabam esquecendo de suas mãezinhas e irmãos
Depois de um tempo longe deles

Em algum momento também haviam me dito que
As galinhas tinham três corações
Quando o pensamento ficou maior do que o churrasco de família

Me falaram que era natural aquele incêndio que queimava as árvores da estrada
Era a própria natureza que fazia isso quando o dia estava muito quente
Pegava fogo como mágica, juro para você

Juro que ficas mais bonita de preto
Juro que os meninos demoram mais para amadurecer
Juro que as coisas ficam mais fáceis depois de...

O que mais é dito para passar a culpa adiante?
Como pode a mágoa e a raiva não permanecerem, firmarem chão?
Será que tudo o que a gente inventa e acredita passa a ser verdade depois de um tempo?

O que será que não estou me perguntando
Com a vontade verdadeira de
Chegar à resposta?

Brechó

Vestiu o azul que morava na blusa
Foram apenas dois reais
Mas o tecido a abraçou
Como se tivessem sido oitenta

Levantando da cama e
Levantando a história
Ela atrás da mesa, da janela, do dia amanhecendo
Via na paisagem de prédios muita coisa, e precisava de menos

Concentrando
Indo para o seu lugar
Onde a música não é bem música
E o apartamento não é bem apartamento

Ela pendurou a primeira palavra na página
Como havia pendurado a blusa no varal
Ela entre tecidos, cheiro de amaciante nos lençóis
O que buscava, afinal?

O balão amarelo

Era quarta-feira
Quando passou por mim, pela calçada,
Um balão amarelo meio murcho
Mas que ainda assim saltitava

Olhei para aquela cena
Quase que afrontosa
Um balão amarelo em um dia cinza
Numa rua cinza
Cheia de pessoas e coisas indo e vindo
Também cinzentas

Não deu outra
Parei
Olhei-o passar por mim
E por algum motivo
Senti-me mais cheia de cor

De onde aquele amarelo todo,
Mesmo que murcho, vinha
Eu não sei dizer
Mas tenho certeza de que não passou
Só por mim

Um casal de idosos
O sapateiro
O cara do bar
Um cachorrinho magrelo
E a moça da padaria
Espero que tenham se deixado colorir também

Anatomia do invisível

Sou um órgão invisível
Que todo mundo tem
Há quem negue e contrarie
Já sei, sempre há um porém

Fico ali, entre o pulmão e o fígado
E posso sentir o tempo inteiro
As badaladas do vizinho baderneiro
Que agitam átrios e ventrículos

Minha função nesse organismo
É acender a luz do corpo
E deixar reinar, de vez em quando,
As sombras, os desejos, os sonhos

A medicina tem lá suas dúvidas
Sobre minha real existência
Usam muito a razão, mas esquecem
Da importância que reside na essência

Ao contrário dos outros órgãos
Não funciono sozinha, autônoma
Dependo que o corpo em que habito
Me exercite, me liberte da redoma

Muitos dizem que sou inútil
E nisso até que concordo
Inútil sou e, por assim me saber,
É que entendo porque transbordo

Muito prazer
Eu me chamo Poesia
Vivo dentro de mulheres e homens
Que sequer suspeitam dessa grande ironia

Como é difícil se dizer

Me assusta a dificuldade que sinto quando tento me dizer. Talvez eu ainda não saiba fazer isso, mesmo depois de anos tendo as palavras como aliadas. Por muito tempo registrei “Eu escrevo” no lugar de “Sou escritora” nas descrições e minibiografias que me apareciam. Procurava encontrar formas de não me contar demais, com medo de acabar me descobrindo e aí não ter mais a chance de ser outra.

“Conhece a ti mesmo”, disse o filósofo, jogando-me no escuro. E fui assim, caindo devagar, como caiu Alice pela toca do coelho atrasado, entre mobílias, bules de chá e cartas de baralho. De um canto, a lagarta e seu cachimbo ainda me indagavam: “Quem és tu?”, e não encontrei jeito de verbalizar minhas angústias a tempo de que me ouvissem.

Somos o que fazemos com o tempo que nos é dado, já ouvi alguém dizer. Assim, escrevo no tempo, e quando não consigo me fazer entender com palavras silenciosas, canto; quando a voz me falha, calo, preparo os ouvidos para a escuta mais generosa que conheço. E dessa forma vou guardando, organizando jeitos e gestos em caixas interiores, colando fotos de poetas e desconhecidos nas paredes do quarto que também é toca, terno refúgio.

A questão é que quando entramos no transe de costurar palavras, brigar com os verbos, dar luz às ideias, vencer a gravidade, quando se trata de parir o texto, algo que é muito nosso acontece, um tipo de epifania que nos convida não só a encontrar respostas para a pergunta “Quem sou eu?”, mas questionar “Quem sou eu *agora*? Quais são as coisas que importam *neste momento*?”.

Sei que me importam os afetos, a literatura, um cão chamado Guto e uma gata cujo nome é Teresa, o silêncio, a luz bonita que invade minha janela nas tardes de domingo, a infância que tive, os amigos que não vejo há séculos, o amor que é alguém e que se deita ao meu lado na cama à noite, o banho que me fortalece para o dia e me acalma para os sonhos, a família que me abraça nas raízes, os cacos e carinhos que levo no peito, os livros que leio e amontoou nas estantes, as pessoas que conheço por causa deles, por causa da busca pelas palavras certas, palavras que eu possa vestir e sair à rua para dançar. São essas as coisas que me importam e que, pelo contar, acabam brotando em minhas histórias.

Irene de Marco Ferreira

Essa nova excursão

Estava despreparada
para essa nova excursão.
Procurei minhas roupas
e as encontrei sujas,
rotas e amarfanhadas.
Assustada, olhei a mala vazia.
Mas o tempo era o agora!
Excitada e nua,
decidi seguir.
Me vesti de poesia.

Poema corpo

Meu poema tem olhos que
ardem, águam ou brilham
Tem boca que saboreia ou cospe
Tem ouvidos atentos
e cabelos ao vento.

Meu poema tem braços que
buscam ou ofertam
Tem mãos vagarosas
que tecem a trama
e têm unhas afiadas.

Meu poema tem coração que
bate e vibra
Tem pulmões que respiram e arfam
Tem nariz sensível
e estômago que digere.

Meu poema tem pés que
caminham, saltam, chutam
Tem joelhos que se dobram
e pernas nem sempre
preparadas para corrida.

Meu poema tem cérebro que
escolhe palavras
para dizer ou para esconder
Tem pensamento que voa
e sonha sem se render.

Maravilhas

O ronronar de um gato
O perfume do jasmim
O olhar de um cão saudoso
O calor de mãos que afagam
O riso de uma criança
O gosto do alcaçar
O conforto da água
O sabor do vinho
Um abraço sem fim
O balanço sutil das folhas da árvore
Um pássaro que pousa
Tantas formas nas nuvens
Um agasalho quente
O cheiro bom do café
A voz dos amigos
Um presente inesperado
Uma ajuda que conforta
O corpo feliz e suado
Um livro que envolve e emociona
Uma música que arrepia
Um coração que bate
Um horizonte ilimitado
e o humano sentir.

Autoexame

As palavras me atravessam
como ondas de ultrassom
que buscam detalhes,
uma veia alargada ou entupida,
um feto em crescimento
ou um nódulo irreverente.

As palavras me penetram
como pulsos elétricos
que vasculham e exibem
os nervos enredados,
as sinapses feitas ou desfeitas
por algumas explosões.

As palavras me perfuram
como ondas magnéticas
que rastreiam e detectam
fatos recentes ou cristalizados,
deformações, desgastes,
fraturas e regenerações.

Mas as palavras também são
remédio ou alimento
que engulo, me curo ou me alivio,
que sorvo, me mantenho e me expando.
Com as palavras faço versos
e cataliso o desvario.

A fundo

As mãos se deformavam
O rosto se desmanchava
As cores se dissolviam na água
Primeiro se dissolvia o vermelho
Depois se perdiam as outras cores
O verde do olhar
O róseo dos lábios
O pêssego da pele...
Sobressaiam apenas
manchas escuras e amorfas.
Tudo ia ficando turvo
e não era mais possível
identificar ali qualquer criatura.

A pluma enlameada
já não é pluma
não mais flutua
apenas afunda.

A boca

A boca vomita cobras e lagartos
Cospe lesmas e aranhas
Baba raivas interiores
e mentiras assassinas
Professa pensamentos incontáveis
e verdades escondidas
Eructa preconceitos e desdém
Verte facas e espinhos

Mas a mesma boca que
berra e briga
rosna e urra,
às vezes suga mangas e brisas
sussurra flores, doces e amores
Canta, ri e cala
E, quando beija apaixonada,
diz mais do que todas as flores!

Um banho acalma, conforta e renova

Nunca tive um diário, mas desde a adolescência até os dias de hoje, houve épocas em que escrevi as minhas emoções, fosse para registrar momentos felizes ou para desabafar sofrimentos. É indiscutível que o tempo decorrido ameniza a dor e que o fato de se estar ou não imersa nas vivências modifica o nível da emoção. Mas, considerando que recordar é reviver, em recente releitura dos meus escritos, me dispus a refletir sobre os sofrimentos vividos e a forma como lido com essas memórias.

Alguns momentos, que à época me pareciam tão sofridos, hoje, entendo como leves e normais. Imagino-os como lagartas que se transformaram em lindas borboletas. Olho-as com olhos que brilham diante de seus voos alegres e suas imagens coloridas. Voam cada vez mais longe. Corro e rio como uma criança alvoroçada querendo pegá-las. Tenho os pés descalços e estou na rua de areia da vila da minha infância. Minha mãe chama, é hora do banho.

Outros momentos difíceis pelos quais passei parecem, agora, pequenos diante de mim. São meros grãos de areia. Tento pegá-los, mas duas mãos são insuficientes e muitos se esparramam. O complicado é que ainda há dias de muito vento que os revolve. Então, eles me ferem os olhos e eu lacrimejo, batem em meu rosto e grudam no meu corpo, como acontece com a areia da praia em pele quente e salgada de mar. Preciso de um banho que me limpe e conforte.

Houve, também, momentos de cruel padecimento, quando me sentia tomada e dominada pela dor. À medida que desses momentos me aproximo, ao revolver memórias, dores vão se transformando em feras. Tento dominá-las, como domino minha cadela quando estico o braço, mão aberta, e digo “fica” olhando-a de frente.

A cadela toca, com seus olhos, o meu coração e ele se aquece, mesmo assim sou firme e ela fica onde deve ficar. As lembranças-feras encaram o meu olhar, através dele me fulminam o peito e derretem o gelo. Caio e choro a pranto solto. Sou novamente pequena, mas não mais subjugada.

Percebo que tenho força. Ergo-me e, ao fim do movimento, me sinto grande outra vez. Estou quente, estou viva e estendo o braço com a mão aberta em direção às feras. Desta vez, não o faço para dominá-las, mas sim em forma de aceitação, de dizer que elas entrem e se acomodem pois que já são partes inseparáveis de mim. Vou tomar um banho quente, me arrumar e botar batom. O dia está lindo e eu vou passear.

Josineide Silva

Eu sou várias e ainda ímpar

Sou a essência mórbida
Em um espelho translúcido que me olha de volta e me critica.
Sou uma alma atormentada
Vestida de um tecido obscuro prateado como a vastidão do universo iluminado pelas estrelas,
vagando em um cosmos de matérias dançantes.
Sou o oceano profundo, sou a tempestade,
Sou calma de todos os dias e a claridade de uma luz que irradia.
Sou ser que é vasto, multifacetado de várias “eus”,
um universo emitindo constante sinal,
uma busca incessante por mim mesma
essência minha que se perdeu no tempo de outrora...
Sou uma tela em branco buscando cores que possam decifrar quem eu sou de verdade.
No deslizar de pincéis rabisco na tela traços desordenados,
retratando uma mulher em desespero que buscando esconder-se revela o que não sente.
Eu não sou só carne e osso, mas uma vasta aura de mistérios, um quadro a meia luz, num feito
etéreo.
Eu sou mais que silhueta ou forma. Sou um enigma transcendente que se transforma.
Em meu olhar, o universo do outro que se espreita sobre o meu véu encontra morada, e no
espelho de minha alma uma história de suplício e dor é contada.

Fragmentos

Em cada reflexo feminino há uma narrativa oculta e,
ela, com sua alma fragmentada em tantas
reflete uma mulher complexa e indulgente, não apenas corpo,
mas essência a brilhar, num éter palco, sua identidade a dançar.
Ela é símbolo, é transcendência viva,
seu âmago é composto para além da matéria que se cativa,
seu reflexo ecológico, é arte em movimento, autoimagem que excede o mero pensamento.
A mulher é arquiteta de sonhos sutis, desejos febris,
que tece sua imagem em fios mil, e sendo ela livre
não se limita a uma moldura estática,
porque ela é metamorfose, transformação prática, sendo evolução.
ela é o cosmos, é constelação em si,
é uma constante raiz, sempre em evolução,
e apesar de sonhar sonhos impossíveis
continua com a alma, pés e sexo fincada no chão.
Ela segue silenciosamente em busca do ser que lhe aprisiona, num mundo de espelhos
quebrados a refletir seu eu em fragmentos de si mesma...

A mulher

A mulher é um enigma a decifrar, um mosaico de histórias por contar, não se resume a padrões ou estereótipos, é uma expressão de múltiplos significados críticos e exóticos.

A mulher é a música em cada movimento, sua autoimagem, um enredo inventivo e lento, cada traço, uma poesia sem fim, num retrato que transcende o comum, enfim.

A mulher desvenda o próprio domínio, não se prende a definições estáticas, é sinfonia em múltiplas práticas.

A mulher é a luz e a sombra em harmonia, sua imagem, uma sinergia constante, um ciclo de descobertas e encantos, num universo vasto de autoaperfeiçoamentos.

No espelho da alma, ecoa uma mulher cujo reflexo etéreo em mistério se desfaz. Sua forma é labirinto, enigma a tecer, sutileza que indecifrável, vai além do olhar, um olhar que se encontra na rudeza de dias de verão frios.

Liberdade

Aprisionada na torre de meus sonhos, vago em desespero a procura de algo. Não sei se material ou cósmico.

Minha cabeça gira em galopes de solavancados, socando meu estômago, apertando meu pescoço, desvairando meus pensamentos.

Grito por socorro, ouço meus próprios roucos de medo abafados e depois, apenas silêncio inquietante...

Minha testa sua, meu corpo está molhado, o chão sumiu sob meus pés descalços, existem somente paredes intransponíveis.

Me lanço contra uma delas, feita de pedra rústica e firme, na intenção de abrir nela um buraco, e nesse vácuo sair voando feito ave de cera, bailando no vento de minha liberdade.

Me olhando no espelho de meus dias, percebo que sou feita de arte, que sou “a obra de arte”, lapidada, moldada na eterna sombra de mim ao me recriar.

Minha pele é pincelada de tinta fresca como o orvalho da noite e em cada centímetro dela, em cada poro aberto, um exalar de odores múltiplos, criados apropriadamente para aprisionar.

No silêncio da noite, eu me contemplo, ensaiando um diálogo íntimo comigo mesma. Entre véus de ser, eu me desvelo, me desfaço, me recomponho, me lapido, fazendo emergir a força da minha própria transcendência em cada gota de sangue que pulsa na jugular.

Sou mulher labareda de fogo e sou sopro sereno da noite empalidecida pela luz da lua. Sou a dança multifacetada de desejos adormecidos, dualidade em harmonia, em meu pleno (des) equilíbrio entre a luz e a sombra, o frio e calor, a tranquilidade e a tempestade, a calma e exaltação, sendo o universo pulsante emitindo sinal constante...

É nas entrelinhas da alma, que eu encontro essa mulher que sou e que tece o enigma divino, um mistério escondido que clama por ser decifrado.

Quem és tu?

Quem és tu
Pobre alma incompreendida
que vaga pelas calçadas
tatuando imagens distorcidas.
Quem sou eu?
anjo caído invejoso
que deseja a sua incompletude
a sua total falta de escrúpulos
quando fala ao mundo vivo, pulsante!
Quem somos nós?
Pobres viajantes
de passagem por essa terra infame
eu, anjo caído, tu, poeta errante!
Tu querendo falar do que não é compreensível
e eu querendo aprender sobre este mundo indizível.

Lena Fuão

Refeição

rasgo a carne com os molares esquerdos
estanco sangue que nem sempre verte
mas macula a boca e os dedos
me acalmo
respiro fundo
conto até muitos
penso na sentimentalidade das coisas
espio demoradamente a carne nascida
ora do cérebro ora das vísceras

aí estão os versos a serem comidos

Profundo

entenda
tudo no poeta é desmesurado
e o que nos outros
pode ser um talhinho na pele
pro poeta
é navalha cravada até o cabo
que rompe a carne do peito
rasgando de lado a lado

De carne

a poesia é carne
tem fibra verso
o sangue rima
força da estrofe
se come
com a alma

e o quanto se come
se tem de fome

Indagação

e se um dia o livro acabar
acabaremo-nos nós
em poesia?
ou viveremos pra sempre
guardados na memória
de quem nos leu um dia?

Cena

no cantinho da casa
como uma criança de castigo
ou fazendo arte
não sei
ela desenha na parede
sua janela
pro céu

o céu é grandão e azul
ela é pequenina e poeta

Batalha

com a força do verso nos me protejo
faço trincheira das palavras
resistimo-nos
e espalhamos não armas
mas amor em forma de estrofes
o corpo-palavra nu luta e na luta vence
antes a si mesmo
depois espalha pelo ar
perfume de livro

o livro aberto é uma indecência

Arte

a mim me tocou ser poeta
poeta de giz e palavra
de livro e voz

da arte que deita no papel
o que escapa pelos poros da pele
o que foge da ponta dos dedos
o que não pode mais o pensamento

então
tem dias que não me suportro
de tanta coisa
inclusive d'eu mesma
que se distancia de mim

Lilian Ney

arquétipo de um poema

não tentes ditar regras para o meu poema
nem o digas que não é um poema
só por que carece de rimas
nem a vida rima seu galope
por que haveria eu de rimar meus versos

não tentes decifrar meu poema
não se trata da esfinge que te impede a passagem
podes seguir em frente sem decifrar o enigma
mas, te digo de antemão
ele vai te devorar mesmo assim

não queiras que eu te explique meu poema

sinta-o em todo teu corpo
em teus olhos marejados
em tuas mãos trêmulas
em tua boca seca
depois, só depois, volta ao primeiro verso
e lê de novo como primeira vez

não queiras desenhar arquétipos para meu poema
da fonte que ele bebe
da fome que ele sente
do todo que se alimenta
não precisas saber

o meu poema
é de um tempo que nem eu
nem tu, saberemos
porque o meu poema
é constelação
nada mais

estações

logo pela manhã
rabisco futuros
na parede do quarto
minha mãe sorri
e se encanta
com meus sonhos

à tarde
rabisco amores
no meu diário de intimidades e
o guardo debaixo do travesseiro
meu corpo não compreendido
encerra-se no quarto de pôsteres

a noite chega tão depressa
busco minha mãe no fundo do espelho
seu cheiro, às vezes invade a memória
adormeço olhos marejados
carregando saudades
de outras estações

peço à madrugada que se demore um pouco mais
ainda que a pressa do reencontro seja urgente
quero plantar meus girassóis
quero nadar nua no mar
quero cavalgar o tempo que me resta
e se der - escrever um poema

presságio

escrevo na lousa do tempo
coisas que não queria lidas

não queria que soubesses
desse amor que nunca vivi
passou por mim tão rápido que
nem seu cheiro tenho para lembrar

não queria que soubesses
dessa dor que carrego debaixo da pele
que rasga meu corpo e ninguém vê
e é por isso que sorrio o tempo todo

não queria que soubesses
dessa paixão que me devora os dias
mastigando a ferida e cuspiendo
como quem se desfaz de um chiclete velho

não queria que soubesses
nada disso

e ainda assim escrevo – na esperança
de que espies pela vidraça
e leias coisas que não queria lidas.

as horas

as horas deveriam caber no dia
não é assim que funciona
as horas tem vontade própria

não são como as formigas

no vai e vem sincronizado
há uma certa ordem
um certo todo igual

as horas, não!

quando a minha hora chegar
espero estar num campo de girassóis
um pouco antes do anoitecer
com todos eles me olhando

se for assim – irei sem fazer alarde
guardarei no íntimo da retina
toda aquela beleza amarela e marrom
e depois chamarei as formigas
deixarei que levem essa casca
que me serviu de casa para dentro da terra
e vou esperar e esperar até
que uma raiz amarela e marrom
se enterre em minha carne
e me erga acima dos muros por onde
espiam os girassóis!

poema

o que me aperta o peito
é não poder estar
ao teu lado e me deliciar
com esse teu jeito
de quem se sabe assim tão perfeito
só para me provocar
esse desejo oblíquo e dissimulado
de estar nessas estrofes rimadas
que desfilam em estantes perfiladas
e nas mãos aflitas enamoradas
nos lábios ávidos por um beijo demorado
nos dedos que passeiam nas páginas tatuadas
de versos e estrofes nas madrugadas pensadas
escritas ao som da lua e suas fases circulares
heresias e honrarias rabiscos de vinho tinto
sobre a página derramados.

retrato de meu desterro

queria olhar-me no espelho d'água
dos teus olhos
viver da contemplação de ver a mim refletida
uma narcisa

Ele me quis medusa

carrego a sina de não poder te amar
e tu nem me sabes
caminhas livre pelo labirinto-vida

eu

eu vivo meu apocalipse
me escondo sob o manto da morte

mortemortemorte

que me atinge todos os dias
em que não posso te amar

uma experiência que veio,
narciso,
medusa,
espelho...

Para quem escreves, querida poeta?

Te leio com voracidade
Um desejo descomedido de devorar tua essência
Tua silhueta à luz da lua cheia
Me chega em versos escritos na velha máquina de escrever
O tectec é canção de ninar cantada na voz doce de minha mãe
Viver essa outra que tu me fazes crer
Como a morte do pássaro que ferido
Joga-se entre as nuvens de tempestade
Mas, é de sua natureza voar
E suas asas me tocam entre as pernas
Cambaleio
Não aprendi a cair, querida poeta
Me dá tua mão
Me dá teu sorriso
Me dá teus olhos
Me dá teus ouvidos
E eu sussurro neles toda a incompletude de ser eu
E, então, saberás desse tempo que escapa ente as teclas
Da velha máquina de escrever.

Aimée G. Bolaños

No caos

*Descuidada de que me entendam o não,
falo as palavras,
para mim também e primeiro,
incompreensíveis.
Adélia Prado*

Perdi o centro.
Os mapas interiores
foram rompidos.
No caos
só a escritura
me leva de volta
à intuição pura.

Ali me espera
a palavra incompreensível
signo do ser desfeito.
Ali vou ao encontro
da palavra que não existe
da palavra muda
suspensa diante do abismo.

Descoberta da Ilha

Entro no mar turbulento
com fervor descrente
procurando um sinal.
Vejo um jardim submerso
de medusas que jogam
às formas inalcançáveis.
Os navios celebrando
as festas dos naufragos
que dançam desmembrados.

Peixes mutantes evasivos
com traços de luz me guiam.

Uma memória sem corpo
Reúne restos de vida
felizmente infortunada.
No sem fundo mais profundo
vislumbro uma ilha à deriva
que não sabe se afundar
ou continuar navegando
nas eternas águas do tempo.

Na outra vida da escritura
agora me sei ilha abismal errática.

Aprendiz

Na alta noite aprendi

que os arcanos verdadeiros
só no silêncio final se revelam

que a memória é o jogo
de um oráculo sibilino

que nada nos deixa nem se vai
porque só existe esse nada

que entre o sol nascente e o poente
existe um arco de vida cegante

que na outra vida do sonho
o poema por vir existe
com sua forma perfeita

que a palavra ao dizer
apenas toca o indizível.

Agora vou continuar sonhando.

A palavra

Voz do inaudível
omissões
eloquência
viagem ao interior
exibição jubilosa
um desejo tenaz
da Forma
e do Olvido
êxtase inteligente
ignorância definitiva
leves movimentos
violentos giros
meio do inacabado
fim do espaço infinito
fúria que medita.

Indizíveis

Um poema impossível
que não se deixa escrever.
Uma tão história miúda
que só pode dialogar muda
com a existência eloquente.

Uma imagem descomposta
em fragmentos aleatórios
de significados sem sentido
que retornam ao absurdo
onde habita.

Um pensamento já livre
de referência e destino
na incomunicação radical
que com outra lógica fulgura
no espaço inatingível da vida.

Adivinha

Uma tendência irrefreável à desagregação.
Elogio do detalhe.
Precisões erráticas.
Um sistema dúbio de fingimentos e equívocos.
Mãos do manuscrito ininteligível da alma.
Incandescência da pulsão formal.
Figura fulgurante.
Corpo do desejo inesgotável que ama a medida.
Epifania sensual.
Ordem simbólica na explosão dos sentidos.
Um atalho atemporal na sucessão do tempo.
Ato de fé que excede à crença.
Heresia transfigurada em Letra.
Encarnação do que não existe.
O espelho impassível das Cariátides.
A mirada de Medusa no escudo de Atenea.
Asterião sem sexo desejante.
Uma quimera guardiã da porta.
A matriz da aranha mátria gigante.
Folha e cálamo indestrutíveis na fogueira.

O fio de Ariadne

*Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra
Sophia de Mello Breyner Andresen*

Há histórias perdidas
apagadas pela letra oficial
e pelos guardiões da lei.
Assim tem sido a minha
de tão provocadora
real impossível.
Mal alinhavada desde sempre.

Meu nome lembra a aranha.
Talvez porque incessante teço
com invisíveis fios delicados
que são os mais resistentes.
O fio é meu ser verdadeiro.
Sou o fio da palavra
talvez da alma.

Escribas áulicos de remota era
inventaram que dei o fio a Teseu
desleal vencedor da morte.
Bizarros que eram e seguem sendo
legitimaram a versão do desafio
sem chegar até hoje a um acordo:
O Minotauro era humano ou bestial?

Desde o início sabia que Asterião
esperava com melancólica fé
seu libertador imaginário.
Nos passadiços do sonho
há anos o sussurrei a um poeta
amante de perdedores
e devoto de labirintos.

Aqui em uso do poder volátil
da escritura do não escrito
faço valer a verdade histórica
embora ela não exista
e ninguém acredite em mim.

Fui eu quem entrou no dédalo
perseguido só o desejo.
Sem limites transpassei o umbral.
Quando nos encontramos vorazes
trocamos cabeças e corpos e sexos.
Desaforadamente nós amamos.
No instante descobri que o Minotauro
era uma fantástica metamorfose
de Dioniso com seus jubilosos ciclos vitais.

E como sou o fio da palavra que trama
transformei a morada de Tântatos
em um labirinto sem saída nem fim.
Casa de Eros inesgotável.

Adail Sobral

Devaneios

E depois do que era uma simples conversa,
ficou a imaginar danças e andanças:
os passos leves, treinados, dela,
conduzindo-o a planos insuspeitados
de um bailar a que desejava entregar-se.

E imaginou dizeres seus a ela,
que, leves e treinados como passos,
a conduziriam a planos insuspeitados
de um pensar a que desejava entregar-se.

Um movimento conjunto,
ao menos na imaginação do possível,
por difícil que fosse o vir a ser.

Conhecer

Conhecemos o amor porque a dor.
A doçura porque o amargor.
A felicidade porque a tristeza.
O ganho porque a perda.

Coisas que parecem conformistas,
e coisas que parecem revoltadas,
São as mesmas coisas vistas de dois lados,
e, assim, não mais as mesmas coisas.

Se jamais se teve não se pode perder
e se se perdeu é porque se teve:
perder é a prova de ter tido, o que,
se não consola, faz refletir.

Ser sempre incoerente pode ser uma coerência
em espelho, porque este é invertido.
Vemo-nos sempre em dois espelhos – e combinamos
as imagens, as vagas formas da imagem.

Porque viver é estar sendo, nunca apenas ter sido.
E só assim vemos o que é de fato a vida:
um poder ser, um pleno de impossibilidades
e de possíveis.

Vim de longe

É pedra:
o calor e o calar.

Um norte sem norte:
sem sorte,

Tudo:
gado de corte.

Resistir, não fugir:
pois a morte fica.

E medra

Errante

Deixo-me levar pelo sopro, vindo de recônditos.
Mas não sou conduzido.
Tenho um jeito de me deixar levar que é um
levar-me a mim mesmo em leveza.
Mas já não sei quem se leva, quem é levado,
nem quem leva.

Recônditos voos “demoníacos”,
indóceis por vezes, intensos sempre,
fiz. E voos outros, mais claros.
Eu nada sabia de saber, mas sabia de sabor.
A mente alerta cedeu ao querer,
indeciso, indefinido, valioso vórtice voraz impreciso.

Fruição sem expectativas, alimentada pelo estar.
Mas esse ir só fazia sentido em trecho maior,
com outros seres,
um de cada lado, complementares.

O vento deslocou-se por um instante
para dar passagem
ao raro momento
em que me tornei sopro.

Transmutação

Quebrei o vaso de encantos
que me prendia à vida.
Interpretei os objetos nomeados,
os dados concretos,
o sonho.
Não escolhi, realizei.
Não sorri, chorei.
Não só disse, gritei.

Poética

Nunca
teci o gesto vazio.

Em mim, o amor
não é simples poema.

Pássaro provisório

Migro,
vida-a-vida.
Tempo a tempo,
mudo.

Canto
e vou e volto.

Se não volto,
meu canto é presença –
e permaneço.

Lady Rojas Benavente

*¿Cuál es el sentido de la vida?...
Quizá nunca llegó la gran revelación.
En cambio, había pequeños milagros diarios,
iluminaciones, cerillas que se encendían inesperadamente
en la oscuridad; aquí hubo uno.
Virginia Woolf, El faro.*

Extraña e im perfecta

Extraña a mí misma desde niña
Es extraño el aullido del viento
Son extrañas las amenazantes ramas de las arboledas
Son extraños los espectros del miedo
Me asustan de noche

Es extraña la ausencia del padre y de la madre
Es extraño ese inmenso Océano nada Pacífico
Es extraña su sal lamiendo mi hendija: la soledad

Con el lápiz esbozo unos ojos aterrados
En la servilleta narro la persecución del delirio
Aprecio la delicia de las paltas y pinto sus olores
Conjuro en el papel la insolencia de los cucos
Me río de sus muecas y persecuciones
Mis versos registran el abandono
Admiro la majestad y la danza de las aguas
Las melodías de las palabras me mecen y sosiegan

Imperfecta la ceguera intempestiva de tres meses
Quise ver la luz de la pólvora en el cielo
Imperfecta la hernia en vientre adolescente
¿Imperfecta su protuberancia?

¿Imperfectos los cólicos?
Imperfecta la brecha quirúrgica
Cuento los riesgos los accidentes
Jugué con el fuego explotó en los ojos

me quemó pestañas, cejas y cabellos
Registro los doce puntos de sutura
Me asombra la línea precisa del bisturí
Anoto los signos del cuerpo afligido
Acaricio la huella dérmica del abdomen
La acojo en este pliego escrito

Soy persona abigarrada dispareja

*La sabiduría no es la respuesta,
sino la curación de las vicisitudes del lenguaje.*

Antoine de Saint-Exupéry.

(Mi traducción del francés al español)

¿Extranjera mi apariencia física?	A mucha honra
¿Inadecuado mi acento en tus lenguas originarias?	Las hablo, ¿no?
¿Folklórica mi vestimenta?	Me pongo tus disfraces en las fiestas
¿Locas mis ideas extravagantes?	¡Cómo no!
Soy múltiples yos	Te perturbo
Vivo comunicando	No me silencias
Amo desnuda de tus atavíos	Te choco
Sueño con los ritmos y sus combinaciones musicales	Te inquieto
¿De dónde vengo?	Del vientre de mi madre
¿Quién eres?	Soy persona abigarrada dispareja
¿En qué crees?	En el revoltijo de mis pasiones
¿Quiénes te inspiran?	Las mujeres de mi tribu ancestral
¿Por qué escoges la poesía?	Es fulgor y estrépito en medio del <i>mare mágnum</i>
Soy	
yo	
Soy	mujer diferente
	una persona

Palabra ala, bate

*El miedo es una reacción natural cuando nos acercamos a la verdad.
Lo inestable se hace vívido en el momento presente;
también la compasión, el asombro y el valor. Y asimismo el miedo.*
Pema Chödrön

Atrás queden, los gritos desamparados de pánico al trueno
detrás las palabras piedras con las que espantaron a la serpiente al jaguar
perdidos en el desierto los graznidos cuchillos que acribillan a conquistador y víctima
voces infernales de espadas cortando cabezas impías se hunden en el pasado
balas bulliciosas de tiranos “ordenados” que silencian la palabra la justicia
cuchicheos humillantes de cómo hablan los extranjeros y con qué acentos.
Callen gritos de sinsabores, cóleras acumuladas, frustración tras frustración.

Palabra ala, bate suavemente el aire interior
llena de ansias, empuja el cascarón.
La a liviana de alba levanta el vuelo.
Pluma ligera surca buscando el puente
desde dentro de mi morada hacia la tuya.

¡Abre el entendimiento y escucha!
El corazón se abre, pompean los pulmones,
la boca se abre y entiende
flamea tu palabra virginal,
dos seres en la aventura dialogan.

Alas de paz se juntan se abrazan
elevan sus voces encima de la nieve
agitan todos sus colores y formas
muestran mil matices de tonos y alegrías
calientan a pájaros y ardillas
festejan el nacimiento de niñas y niños
celebran los primeros brotes de la tierra madre
honoran al solemne sol
agradecen el aire cósmico
cantan el paso leve de las estrellas.

Alas se tocan, se reconocen, se reproducen
Palabras transmiten afecto ayudan a pararse y a sanar
Cascadas límpidas se vuelcan de puro amor
Hijas de la humanidad bailan tiernamente
crean arcos y prodigios de breve e intensa existencia.

La entrega

Me acuesto en la piel sedosa de la hoja inmaculada
Le ofrezco un amasijo de heridas sanguinolentas y cicatrices
Al contacto con mi amante silenciosa
Brotan devaneos de pasión
Se aceleran los pálpitos
Me estremezco placentemente
Los secretos forman hileras
Esperan turno

Me deja deslizarme entre sus pliegues
Rampo por sus líneas invisibles
Me sumerjo quedamente
Me escurro por una hendidija
Salen a flote de la oscuridad
Haces de luz
Unos ecos entonan añoranzas
Un bullicio alocado los ataca

Le hago don de mi cuerpo mustio
Me llama “hierba de mula”
Atraje mariposas y avispones
Hoy mi heliotropo hiede

¡Que su silbido de sirena
me arrastre en su corriente!

Yo lúdico

Juego con la palabra amiga
Me seduce su ternura
Le invento nombres
La arropo de colores
La perfumeo con jazmín

Nos paseamos juntas por las playas
Nos acaricia el roce del gozo
Comemos en el mismo plato uvas verdes
Contemplamos la Estrella polar
Añoramos la Estrella del sur
Titilando ahítas
Celebremos los sueños

En un parpadeo de pájaros volando
Se descalza y corre despavorida
Alocada husmea el aire
No huele nada
Su huida no deja rastro

Flotan los racimos mustios
Dan volteretas los fantasmas
Hipérboles e imágenes
Paradojas de la vida

¡Llega la noche tan siniestra!
La metáfora enmascara la inocencia
Sola a sola
Camino de aliteraciones
alentada
por apóstrofes
una tonalidad exclama al fin
¡Oh, cómo clava el tiempo su puñal!

Los músicos

Mi madre me arrulla con una canción de cuna
Su oración borra mis temores al vacío y la oscuridad
Su cálida voz me transporta al sueño

Acaricias, hijo, las cuerdas de la guitarra
Suenan y resuenan los timbres juveniles
Los soplidos del flautista nos conectan
Respiramos con regocijo

La fuerza del tambor expresa la armonía de nuestros latidos

El pianista y su mujer lloran la muerte de su bebé
Sus lágrimas ahondan el luto de nuestras pérdidas

Toman la pluma sobre el papel rayado
Los compositores trazan en los raíles
el curso del tren-existencia
Se pierden nuestros caminos
Los sonidos de adioses desgarran a padres, hijos y amistades
Los ritmos de sensaciones y sentimientos
abren la puerta interior
Desfilan espectros y secretos

Escenifican el encanto fascinante de chicas y chicos
Se complacen a sí mismos y nos emocionan
Experimentamos el erotismo animal-humano-celestial

Cada uno de nosotros evoca su himno al amor
en las crisis de ruptura
Nos estremecen el esplendor y el encanto
Dos personas diferentes se unen
Un momento supremo de vibración rompe el decaimiento del cuerpo
la desilusión y la discordia
De las cenizas resurge el tic tac de la memoria

El director de orquesta agita la batuta
Los movimientos de la sinfonía congregan
a músicos y sus instrumentos
El público se entusiasma con la belleza sin nombre

Poesía

A pesar del tiempo que nos envuelve en dolores noche y día
La dama poesía nos mantiene con la ilusión de vivir

A pesar del vaivén incesante de tus palabras o tu silencio hirientes
Ella nos cobija del desprecio y el rechazo
A pesar de la puerta cerrada que me impide entrar cuando la sed me atenaza
Su dulce líquido nos consuela y me calma

A pesar del olvido y de la sal que queman las llagas
Atenta acude a la cita con la página virgen y una leve sonrisa

A pesar de reproches inexplicables y fugaces que provocan un llanto incontenible
Tú nos cantas bajito bajito en medio del sol y sus llamas

A pesar de la lejanía y de la soledad en tierra baldía que pensé nuestra
Caminas a mi lado escuchas y dialogas y bailas hermana del infortunio

A pesar de los pesares que pesan cada vez más cruelmente
Vuelas hacia mí, hacia nosotras y nos elevas hacia tu cielo

A pesar de la nada y la incertidumbre cuchillos afilados
Madre poesía laguna engendradora de peces y ballenas
Nadamos hacia ti
Te amamos profunda e insondable
Una caricia tuya y hasta siempre bajo tu amparo

Ivonne Sánchez-Barea

Acaso el silencio

¿Son acaso los silencios voces del ayer,
murmullos y cauces de palabras,
o simples gotas
desvelando tristezas?
¡Mudez!

¿Son acaso las tristezas simples gotas,
cauces y susurros de silentes palabras
rumores, reflexiones del ayer?
¡Elipsis!

¿Acaso el silencio es canto sigiloso
calma y reposo,
felicidad quieta,
tregua del pensar o miedo?
¡Calla!

Quiero escuchar el silencio.

Templo

Abierto Templo de los espíritus
al viento del místico verbo,
vestido de palabras.

Musas

En armónica entropía de unos versos,
pensamiento sustraído
del paradójico tiempo;
tejidas las palabras a sus tramas,
justifican las MUSAS al sujeto.

Origami

Arte, diseño tridimensional
puntas plegadas de papel,
pájaro imaginario,
corbatín enjaulado,
en las volátiles manos que trazan líneas.

Flexibilidad geométrica,
teorema y ecuación doblada
inteligente desarrollo,
pensamiento imaginado.

Armonía estructural,
educado hemisferio,
creación exacta,
destreza veraz determinada,
modelo coordinado.

Versátil y lógico campo,
en conjunto “kusudama”...
incienso, medicina de olor y del alma.

Doble de amor
triplicar un ángulo
ecuación y axioma,
teorema de “Haga”
panel solar,
satélite espacial,
madera moldeada.

Campo del espacio
ORganización
Imaginada
GAlaxia de
MI ámbito.

Holograma de Newton

Visión copiada en la pared del agujero,
proyección de información atómica,
bidimensional imagen externa,
y tridimensional superficie curva.

¿La estructura del cosmos se resuelve
creando hologramas del espacio y el tiempo?

Pentagrama

Es la voz,
el ritmo de la historia,
la mezcla de las sangres,
con un punto marcado entre sus claves,
dibujado PENTAGRAMA
de sus líneas paralelas.

El agua que me habita

Me habita la NÁYADE del agua,
en pulso de mi fuente;
manantial de “*Lerna*”,
inframundo de una Granada desgranada
que no es otra que esta vega
que me pausa el camino desde sierras.

En este verde lago de letras,
escritas entre cipreses y álamos,
en puertas de vegas y tierras,
ante el guardián de los versos;
sagrada guarida de poetas.

Me habita la dulce NÁYADE,
en constelación del tiempo andante:
Aretusa, hija de *Arcadio* y *Artemisa*,
hipérbole rodante,
hermana de *Hidray* maestra de *Quimera*.

Después, ONDINA en curso del orbe,
en el cruce de horizontes, hasta el rizo de la ola,
donde por voz del agua soy NEREIDA.

Aquí, un canto bajo la luna
iluminada por el astro,
voz con miel en cántaros
guiada por un hipocampo,
hasta el otro lado del mar
para traer del atlántico un canto,
que no es otro, qué, el agua que me habita.

Nací NÁYADE
para morir NEREIDA
en la fuente de tu campo.

Maria Carpi

A poesia esperou por mim

Eu, mestre em atalhos e veredas,
deixei-a sem pistas de meu hálito
e, mesmo assim, ela farejou
por mim, intensificando narinas
a me desentocar. Eu, catadora
de ciscos, fungando estrelas
dos entulhos, driblando o sol
com as crinas de minhas noites
e mesmo assim, ela aguçou
as papilas a me estalar a língua.
Eu que a dispensei da exígua
carne, que a desfibrei da efêmera
árvore e mesmo assim, ela aguardou
pelo resto de mim na peneira,
com o lodo escorrido das faces.
Uma gema imperceptível a olho
nu foi-lhe suficiente e apesar
da dublagem da letra e do ritmo,
por longo tempo éramos o rosto
do papiro desenrolado das águas.

A semente privou-me das asas

*para que eu alto
voasse.*

Tudo o que planto
é metade de tudo
o que sou plantada.

O que planto é um
por um: o que sou
plantada é sem conta.

O que planto é semente
comum, em tempo comum,
de acordo com o zênite.

do sol, distribuído
em valas e freguesia.
E o que sou plantada

é semente especial,
com uma luz fixa e
um barco móvel, real.

O que planto, água
contida; o que sou
plantada é sem lacre.

chuvas, rios, pranto.
O que planto, vejo e reclino,
o que sou plantada me vê.

e apura. O que planto,
disperso e colho. O que sou,
plantada, me reúne e cura.

Não sou eu que tem fome

É a fome que me tem.
Ela me apura, hóstia, em

sua boca. Ela me salitra
a temperança para devolver-me
à fermentação, contra a cupidez.

A fome é o meu outro, escumoso.
Não vim ao mundo para saciá-la,
mas acendê-la, contra a cupidez.

E da fome me retiro, fatia,
para que ela seja inteira.
A fome, contra a cupidez,

também se retira em funduras,
para que o alimento esplenda
como um sol saído das vagas.

Não mais o impulso ao avesso,
não mais a seta e o batimento
nos ares. Apenas todo o Fruto.

Entre nós, há um fogo

aceso que, unindo-nos,
é a nossa separação.
Juntos, nunca somos um;
separados, nunca seremos
dois. Um fogo, a duas vozes.

O Amor não há de vestir-me
do nada. Tecerá fio a fio
da brutalidade de meu esboço,
samará as dúvidas os cerzidos
da pele, as vacilações, a
secura, com seda, fio a fio,
tal o meu corpo glorioso
começará do casulo aberto
de minha carne padecente
e sua coerência obscura.

Onde estavas

quando esvaziei
o cálice?
- Estava vindo.

Onde estavas
quando me rasgaram
as vestes?
- Estava vindo.

Onde estavas
quando supliquei
tua presença?
- Estava vindo.

Onde estavas
quando a morte
calou-me a boca?
- Estava vindo.

Onde estavas
quando os vermes
comeram minha
frase corporal?

- Eu estava te pronunciando.

.

As palavras não as percebo

O mesmo se dá com certas passagens bíblicas ou uma bela narrativa. Percebo o movimento das pessoas, os olhos me fitando, as feições, os detalhes, a cor da pele, o aroma, o sotaque das vozes. Quando Abraão recebe os três mensageiros em sua tenda, lavando-lhes os pés e fazendo-os sentar sob uma árvore, e pede a Sara, ainda Sarai, que prepare um pão bem grande com três medidas de flor da farinha - ao ouvir esse texto, primeira leitura da liturgia da missa – apresso-me com ela a sovar a massa e numa tigela deito a coalhada. Vou ao campo ajudar a escolher o novilho mais gordo. Vejo os preparativos da acolhida, a alegria da morada e começo a salivar. Sem perceber, esqueço tudo ao redor e sento para comer entre eles. Entrei na tenda de Abraão. Volto ao real com a hóstia na boca.

Tudo se passa como se eu entrasse numa pintura. Se me aproximo, afundo na percepção, invado o quadro e transito. Assim, estou no meio da multidão que se comprime para ver Cristo passar e uma mulher que sofre sangramento se aproxima, até me empurra para chegar mais perto, estendendo apenas a mão para tocar não mais do que a borda do manto do Messias. Ele se vira, vejo ele se virar, encontra o meu rosto, mas desvia à procura daquela “que o tocou”. Saberei um dia, tocar alguém desse modo, no meio da multidão.

5.

Ficar depois de ter arriscado
tudo, em parte alguma cabe.

Já não fora, antes, a casa
alheia pela metade. A blusa
alheia, até a cintura.

E o capote entregue
na primeira esquina.

Já não fora, antes,
segurar por um triz
a mão de um corpo
que se joga na vertigem.

E segurar o peso
da vida posta fora,
do que te escorrega,
como um pássaro,
um impulso irretocável,
tombado em asas cerradas.

6.

Ficar mais em parte alguma
resulta de uma abertura

no flanco, um corte no sentido
das fibras e seu derramamento
contínuo, sem exaustão,
como se o corpo, túnel do tempo,
dessa voltagem ao respirado
da grande energia. E esse
esvair-se em sequencia de rosas
se reunisse em ser um pleno
incabível, em parte alguma.

7.

Eu não sou vidente.

Entre meus olhos e a luz,
há muitos ocasos.

Eu não sou vidente.

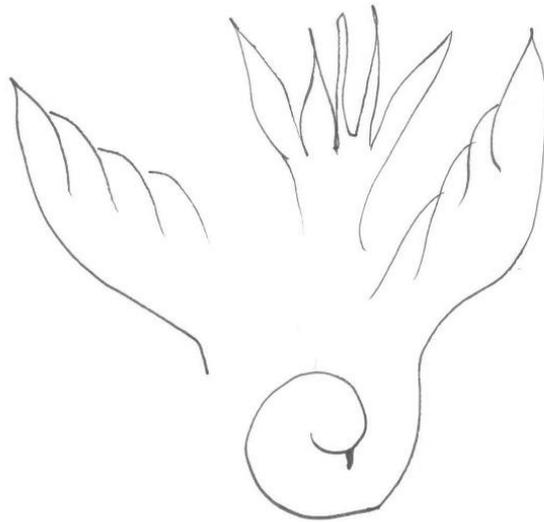
Entre a luz e meu coração,
há a espessura da carne.

Eu sou, no escuro, atenta
palpitação, vigilante espera.

Eu sou da luz, ouvinte.

E o silêncio que isso gera.

Diálogos de autopoética



*Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.*
Conceição Evaristo

Beti Farias

Que vêes quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Gosto da língua, das palavras. Gosto que a raiva, o desgosto e a dor, por exemplo, mas também o contentamento, a catarse e o sentimento de estar grato possam ter som e também forma. Quando escrevo, mesmo um simples bilhete desses que se deixa preso nos móveis para não esquecer algo, é que consigo compreender, ouvir e ver melhor até os detalhes mais ordinários da vida. Na poesia, ou em outros textos poéticos, faço o mesmo, mas dessa vez sem intenção de compreender nada, só de sentir o que esse ver e ouvir me causam. De repente me pego absorvida pelo som de uma gota e se me ponho a escrever, vejo que descí também, como a água, e fica esse poema que me faz lembrar de como é descer e de como me sinto na descida.

Teu conceito de poesia? A concepção autopoética tem variado no transcurso de tua escrita?

Penso que a poesia ocupe papel similar aos mitos de origem e criação. Para Bachelard e Jung, por exemplo, os textos poéticos são os que melhor revelam a psique humana, já o filósofo Giambattista Vico defendia a poesia como a linguagem mais primitiva da humanidade, sopro que também dever ter passado por Picasso, quando pintou, assim como o fizeram na caverna Lascaux entre 20.000 e 15.000 a.c., “O touro”. Acho a poesia tão natural quanto pode ser o sono, a visão ou a fome, mas também tão necessária de elaboração quanto pode ser uma partitura. Quer dizer, é tão espiritual quanto material, tão inata quanto aprendida. No entanto, quanto mais eu lia, mais duas falácias me foram retiradas, uma ampliando ainda mais a liberdade do que entendia por poesia, tirando da forma o status de aprisionamento, outra desfazendo a utopia limitadora de que esse teor natural seria atingido de modo inato por aqueles abençoados ou dotados de uma certa graça. Tudo isso influi na minha relação com a autopoética, quando descubro, tão escondido em mim, forças que me impulsionam, para cima ou para baixo, ou um sentimento, a necessidade de unidade com algo tão remoto que nem sequer consigo inventar um nome. No momento em que me recrio ou reflito sobre o fazer poético, estranho-me... na forma livre, na manipulação da matéria.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Costumo lidar com a leitura de modo bastante diverso, a depender das que escolho fazer. Tem vezes que mal avanço, porque me perco desenrolando os fios que os autores oferecem. Outras, tento vislumbrar, quase compor, as imagens que leio e fico muito tempo nessa busca. Esses dias me peguei pensando que me comporto, às vezes, como a criança que desmonta o brinquedo, curiosa por vê-lo inteiramente e por saber o que naquele objeto lhe chama tanto a atenção. Gosto de desmontar poemas. Outros prefiro ouvir e sonhar. Também há outro engenho na leitura muito estimulante, o de perceber as relações entre arte e tudo de mais imediato no mundo, ou entre arte e antropologias, e assim se segue. É como vasculhar o mistério da vida. Por tudo isso volto sempre, de súbito em qualquer dia, a Cecília Meireles. E a Clarice Lispector...

Como gostarias de ser lida? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Participar na publicação desse livro não é apenas a primeira experiência de publicar textos artísticos, mas também de mostrá-los a outros leitores, com exceção de algumas raras vezes. Claro que essa primeira experiência transforma outras, como a presença de novas lentes. Isso influencia, por exemplo, na composição das imagens, que gostaria que fossem lidas ora como aquele estado entre estar sonhando e acordado, ora com bastante secura e brutalidade.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

Chama minha atenção a divisão que se faz entre tudo no mundo: isso é bom e é humano, isto é mau e é desumano – como se a humanidade não fosse também ambivalência; isso, corpo, isto é mente (de espírito, então, pouco se fala, exceto quando para pensar em religiosidade no sentido menor da palavra), como se não fossemos, como os deuses, também uma trindade. Tenho um bloco de notas e anoto nele fragmentos que me surgem em uma determinada situação, como uma aula, um passeio na praia, ou uma que aprendi a respeitar, aquele lampejo no momento de quase adormecer. Quando preciso escrever geralmente é para lidar com como intuo o mundo e as coisas nele, uma vontade de criar o estranho para conviver com o conhecido, de formar a descida da alma e experimentar a ascensão. Então parto dos fragmentos e, às vezes, eles viram parte de um mesmo todo, que termino de compor.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Pensar e compor sobre o espaço que a poesia ocupa no mundo, sobre o que, através dela, pode ser criado ou despertado, ou elaborar o que penso e sinto como uma abstração, que, em verdade, acredito que potencializa a consciência inteira, influencia grande parte do que escrevo artisticamente, mas não só. É curioso como não apenas considero isso determinante em minha identidade (potencializada em todas as suas acepções), como também acaba sendo o método como penso e escrevo sobre mim em determinada instância para me recriar ou reintegrar.

Cláudia Borges

Que vêes quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Vejo uma escrita que procura criar e fazer coisas diferentes, experimentar, a escrita é um mundo de possibilidades no qual a criatividade corre solta. Não fico presa em modelos, gosto de fazer coisas novas e diferentes, ou mesmo tentar algo que ainda não fiz.

Teu conceito de poesia? Tua concepção autopoética tem variado no transcurso de tua escritura?

Poesia é vida, para mim a poesia está no mundo, não só na escrita, mas no olhar que damos ao mundo, a partir desse olhar fazemos poesia com as palavras, para falar desse mundo que nos rodeia, ou mesmo dentro de nós, de nossa própria escrita.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Sou leitora, mas não chamo de deusas/es, minha mãe foi meu exemplo de leitora, fez com que eu comesse cedo. Gosto de Machado de Assis, Fernando Pessoa, Gabriela Mistral, Adélia Prado, Conceição Lima, se deixar eu fico listando aqui escritores para sempre.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Eu não fico imaginando muito o ser lida, mas acho que sempre escrevemos para uma leitura, seja real ou não, escrever é querer ser lido, ser guardado, eternizado na arte das palavras.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

Eu procuro olhar o mundo de uma forma diferente, nas entrelinhas, o que nos é apresentado só pela visão, nunca é tudo, há o cheiro, o gosto, as formas. Pensar o todo é importante. Quando escrevo penso numa forma diferente de dizer o que gostaria. Gosto de experienciar na escrita. Como gosto de pensar o todo, não escrevo só para mim ou sobre mim, por isso minha autopoética é sobre poética do eu que pode ser muitas.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Minha existência autoral não se difere do meu eu, mas vai além dele, e a metapoesia, metaficção, eu uso quando busco entender como esse processo de escrever se dá. Falar da escrita usando a própria forma poética/ficcional, auxilia a me compreender como autora. Então, eu me percebo escritora a partir da metapoesia.

Cristina Fuentes

Que vêς quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

No espelho da minha escrita, vejo um reflexo multifacetado. Nas palavras, encontro força, delicadeza e a capacidade de expressar emoções. A escrita se torna um espaço sagrado para a vulnerabilidade e a coragem, permitindo-me assumir diversas versões de mim mesma. Nesse espelho, descubro a verdadeira essência da minha identidade como escritora e mulher.

Qual é teu conceito de poesia. Tua concepção autopoética tem variado no transcurso de tua obra e/ou de tua escritura?

No ato de escrever poesia experimento a plenitude do eu, uma expressão que transcende convenções e adentra a essência crua da existência. Cada palavra é uma escolha consciente, contribuindo para a construção do meu ser poético. Minha concepção de poesia está intrinsecamente ligada à ideia de que é no espaço poético que “meu eu” encontra sua voz mais autêntica, sua expressão mais íntima e seu florescer mais genuíno.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deusas tutelares?

Entre as deusas tutelares que me inspiram, destaco algumas das grandes escritoras brasileiras: Adélia Prado, Cecília Meireles, Hilda Hist, entre outras.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

A presença dos leitores é vital na comunicação artística que busco. Escrever, longe de ser um ato solitário, é uma maneira de compartilhar perspectivas, despertar emoções e construir pontes entre diferentes vivências. Assim, ao escrever, minha esperança é criar um espaço compartilhado, onde arte e experiência se entrelaçam, e as palavras servem como meio para alcançar a conexão desejada.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

A relação entre minha visão de mundo e minha autopoética é intrínseca. A escritura pode ser uma ferramenta para desafiar estruturas de poder e celebrar a diversidade humana. Ao refletir minha visão de mundo na escrita, busco criar um espaço literário onde a diversidade é não apenas reconhecida, mas celebrada. Minha autopoética é um diálogo constante entre minha identidade em evolução e a responsabilidade como escritora. Cada texto é uma oportunidade para promover a compreensão mútua, inspirar reflexões e contribuir para um ambiente cultural mais inclusivo e igualitário.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Ainda não encontrei uma resposta para essa pergunta. Apesar da conexão íntima com a leitura e do encanto pela poesia, recentemente comecei a explorar minha própria voz poética. Navegando pelo vasto oceano da escrita poética, encontro-me, desencontro-me e, nesse processo, dou vida à minha voz. Minha existência autoral está em constante movimento de renovação e autodescoberta.

Diego Ravarotto

Que vês quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Eu percebo uma mescla entre sinceridade e dissimulação, o que, em parte, deve estruturar a todos nós em diferentes medidas. Eu percebo um sujeito em eterna ressignificação, e talvez isso seja uma consequência de ter escritos que perpassam minha infância, adolescência e agora vida adulta, então muito mudou e ainda muda com cada novo texto, que leva um pouco de mim e, ao mesmo tempo, me entrega muito em retorno. E eu, como sempre faço quando chegam novos livros, fico parado em frente a estante do meu ser tentando encontrar espaço para encaixar todos esses novos itens.

Teu conceito de poesia? A concepção autopoética tem variado no transcurso de tua obra e/ou de tua escritura?

Poesia conjura, a meu ver, uma cosmovisão particular, é um modo de ver, transcrever e entender o mundo. Sou alguém que levava essa filosofia tão ao pé da letra que houve casos, ainda nos tempos de escola, em que uma discussão com algum amigo terminava comigo, ao final daquele dia, postando um poema online que ou funcionava como desculpas ou como lenha pra fogueira daquela discussão, e eu postava para todos e ainda enviava em mensagem privada pra pessoa, nada de indiretas. Insuportável, vendo com os olhos de quem sou hoje. Quanto à minha concepção autopoética ter variado ou não, eu percebo um amadurecimento da minha escrita quando retomo textos mais antigos, por exemplo, mas ainda encontro neles os pontos fulcrais do que escrevo ainda hoje: esse jeito visceral de entender aos outros e a si mesmo e uma tendência ao exagero, dois quesitos imprescindíveis de quem sou enquanto eu de carne e de papel.

Tu és leitor? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Do tipo que não sabe ser fiel a nenhum autor, gênero ou categoria. Sou um tipo de leitor que se aventura por tudo que parecer interessante de algum modo, seja literário, jornalístico, ou até mesmo teórico e/ou filosófico. Se de alguma forma esse texto e sua proposta me atraem e me incitam a lê-lo, vou estar com ele em mãos logo, logo. Quanto à deuses ou deusas tutelares, encontro-as muitas vezes mais na música do que na literatura, sendo Florence Welch – que inclusive tem um livro de poemas publicado também – e Melanie Martinez duas grandes influências diretas naquilo que produzo, visto que admiro imensamente a estética sombria que acolhe a visão de mundo dessas duas autoras/compositoras, assim como os meios através dos quais ambas unem o místico e às vezes metafísico ao que é de carne e osso. Mas se preciso me ater ao universo da literatura em si, no último ano fui tomado por inteiro pela escrita de Annie Ernaux, que rompe com o esperado e com o que é tido como correto, falando o que sente sem travas, sem amarras, sem preocupar-se com o efeito que irá causar, em um tipo de narcisismo escritural que aplaudo e almejo atingir apesar das inseguranças.

Como gostarias de ser lido? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Eu gostaria de ser lido sem limites, sem quaisquer preocupações com o famoso “o que o autor queria dizer”. Inclusive, adoro experimentar a sensação de voltar a um texto meu antigo e tentar lê-lo na inocência de um leitor outro que não eu e a beleza que está nesse se desprender de si mesmo é única. Então, acredito que não espero nada em específico dessas leituras a não ser total entrega ao conteúdo, a forma, ao corpo do texto. Quanto a pensar em meus leitores durante à escrita, essa parece uma pergunta com resposta certa ainda que não seja. Não, não acredito que compareçam durante o processo de escrita. Para mim, ele é um processo tão íntimo e narcísico que o que me circunda se apaga, se enuvia frente aquele breve momento em que a escrita de algo novo se faz presente. Talvez os leitores se concretizem durante as várias revisões, mas durante o primeiro (às vezes único) rascunho, a solidão me parece o caminho. Ah, e é claro que os leitores sempre se mostram presentes na hora de postar, de publicar, de expor aquilo que de tão íntimo passa a parecer particular.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são os teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

Diferentemente de alguns outros(as) poetas, cuja escrita se conecta, em seu misticismo, com o divino, eu objetivo sempre uma visão de mundo que, ainda que flerte com o místico, o metafísico e até o sobrenatural, sempre se revolta para e no corpo, no físico, no terreno. Quando imprimo os rótulos de visceral e exagerada a minha escrita, o faço de modo a que se entenda tal visceralidade não só por sua profundidade ou particularidade, mas porque, em meus textos, sinto que os temas, os questionamentos, as dores e constatações atravessam e golpeiam o corpo daquele que segura a caneta ou pressiona as teclas, e daí parte a dramaticidade, o exagero, desse tótem-corpo que toda vez precisa receber os dizeres e expeli-los. Além disso, gosto de pensar que a máxima de minha escrita é: *o que pode dar errado?* Dificilmente produzo textos com conclusões amenas ou felizes, há sempre uma insuficiência, um inacabamento. Para produzi-los, é comum que eu parta de um instante, um *flash*, uma imagem que se quer expor, um dizer que se quer enunciar, algo é principal e central, mas nunca se diz sozinho, é preciso recheiar o entorno para que se construa o pedestal daquele primeiro suspiro escritural. Quanto a união entre visão e escritura no que produzo, vejo esse *link* justamente na estruturação dessas barreiras – às vezes quebradas, às vezes mantidas – que minha máxima e meus rótulos impõem sobre o retrato que construo, mas, como disse, às vezes é válido desrespeitar até mesmo nossas próprias barreiras.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Acredito que a resposta dessa pergunta, apesar dos anos de escrita, começou a se formar somente esse ano. Eu nunca havia me atrevido a perceber autoficção em meus escritos e/ou investido na escrita de algo metapoético, mas, com o incentivo das discussões que surgiram nos encontros do curso de Autopoética, me vi impelido a perceber essa nova faceta de tudo que eu produzia e, melhor ainda, impulsionado a escrever já com esse objetivo em mente. Foi quando, após mais de oito anos de inércia, minha escrita renasceu nova, uma amálgama não mais só do que havia de empírico e imediatamente emocional, mas também de todas as leituras teóricas que me constituíram enquanto pesquisador e de todos os questionamentos que permearam todo esse tempo afastado da escrita e os motivos desse afastamento. Me percebi frente a uma nova persona, um sujeito escritor mais metódico e pragmático, mas também menos assombrado pelos julgamentos que se seguiriam a escrita daquilo que lhe assomava de

repente. A escrita, porém, ainda segue sendo um espaço de inseguranças, de meias-palavras que digo por receio de dizer as inteiras, de poemas engavetados por medo da reação que causariam, mas com certeza essas inseguranças agora enfrentam um sujeito mais maduro, que aceita e ama sua essência e o corpo em que ela se concretizou.

Giulia Guadagnini

Que vês quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

O espelho pode ser um artefato que assusta quem ainda está tentando compreender seus contornos. Por muito tempo o evitei, mas aos poucos vou me espiando. Nele vejo uma mulher que está disposta a aparecer, se sentar por minutos ou horas que tiver disponível, e ali tentar construir para si um momento de profunda introspecção e concentração, um ser que sabe que nem sempre vai conseguir capturar com os dedos a agilidade ou o lume de um pensamento, mas que está ali para tentar, senão todo dia, pelo menos com alguma frequência.

Teu conceito de poesia? Tua concepção autopoética tem variado no transcurso de tua escritura?

Penso que poesia é tudo o que causa algum tipo de encantamento. É um encontro com o inexplicável, com o indizível, a capacidade que os seres e as coisas todas do mundo têm de, ao mesmo tempo, ferir e curar, causar espanto e conforto, de serem belas e terríveis ao seu próprio modo. O bonito é justamente ver como é possível que para alguém a poesia possa ser um texto escrito em versos na página de um livro, ao mesmo tempo que para outra pessoa, a poesia seja enxergar-se num traço de um familiar, na forma como a luz adentra um espaço vazio, no jeito que alguém se comove ao ver um bem-te-vi e lembrar de um ente querido que já se foi, imaginando se aquilo não seria um tipo incomum de visita daquilo que está para o além do razoável, do pensamento racional.

A poesia faz morada em todos aqueles que se permitem explorar o terreno do imaginar, do sentir que confunde ou inquieta antes que de fazer sentido; ela é casa para todos aqueles que não estão preocupados com a utilidade ou a função das coisas, mas que enxergam em tudo a possibilidade infinita de percepções ou significados diante de uma mesma cena, uma mesma imagem. Vive em mim hoje o entendimento de que nem tudo precisa ter contornos para existir, e que escrever é mesmo essa busca que teço, não para tentar dar uma explicação para as coisas, mas para apenas tentar deixar registrado de que as vi – com os olhos ou com o coração -, de que certos apertos e alívios passaram por mim, pelo meu corpo e pela minha alma, e me fizeram esta, e não outra.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Sou uma leitora curiosa. Gosto de transitar entre os diferentes tipos de texto, ora estou lendo contos, ora ensaios, e então mergulho nos romances ou nos livros de poemas. Me encanta descobrir em cada gênero uma nova paixão. Na poesia, sinto que sou muito guiada pela figura de Hilda Hilst, não por perseguir o seu estilo ou por tentar me assemelhar ao que ela escreve, mas porque vejo em Hilda um sopro de vida muito poderoso, há no seu mundo interno diversos vislumbres que me arrebatam e mobilizam em mim uma vontade de querer escrever uma vida toda. E me inquieta que ela, em vida, não tenha sido lida e apreciada pelas pessoas de sua época.

Nos últimos tempos, além de fazer das minhas escolhas de leituras um ato mais consciente, priorizando os livros escritos por mulheres para habitarem as minhas prateleiras, tenho feito um movimento de ler também as minhas pares, escritoras vivas, contemporâneas, que estão trabalhando sua escrita no Brasil de hoje, estejam elas no eixo Rio ou São Paulo, como também buscando as autoras que estão fora do que engloba o mercado literário tradicional. Busco saber o que está sendo publicado por pequenas editoras e também o que está sendo feito de forma independente por estas mulheres que dividem comigo o tempo de uma época, o desejo de escreverem suas histórias.

Acredito que, antes de sermos escritoras, primeiro fomos leitoras nesta vida. Ler é alimentar todo um repertório emocional profundo, é agregar dentro de nós cada vez mais itens que deixarão nossa bagagem mais rica, que nutrirão de referências a nossa paisagem interna da qual escrevemos. Ler é o que nos leva a querer criar, ainda que por vezes nos esqueçamos disso. A leitura é uma atividade do para sempre.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Os leitores sempre estão num horizonte quando começamos a escrever, isso é inegável. Ainda quem escreve um diário íntimo, uma escrita que não se destine à publicação, tem em si a imagem de um leitor, ainda que este seja o próprio autor do texto, algum tempo depois, se deparando com suas memórias guardadas. Contudo, creio que criar pensando na presença de um leitor acompanhando o processo de escrita em tempo real pode atrapalhar quem escreve, uma vez que já começa a criar pensando que haverá alguém que lerá aquele texto e tecerá sobre ele suas considerações. Isso cria quase que uma sombra sobre a página, uma presença que espia sobre o ombro de quem escreve o que está sendo produzido, e essa sombra influencia a maneira como o texto sai.

Pensar num leitor enquanto o texto ainda não está na página impede quem escreve de criar com uma liberdade irrestrita, pois adiciona ao momento mais selvagem da criação uma camada de julgamento, impondo sobre quem escreve uma exigência de que aquela produção já nasça na página de um jeito muito pronto e bem-acabado, no auge do que um dia pode ser, logo na sua primeira versão. E é aí que muitas de nós travam, deixam que o medo de não serem tão boas impeça que uma frase bamba tome a página, ou uma ideia imprecisa, uma pista que seja. Estes olhos de fora envergonham um parágrafo mediano de mostrar a cara, uma construção que depois poderia ser trabalhada e lapidada, mas que nem chega a existir por conta do medo de não soar genial logo no seu nascimento.

Gosto de pensar na figura do leitor como uma testemunha, alguém que é convidado a entrar no processo quando, depois de algum tempo de trabalho solitário, quem escreve sente que o texto precisa de um novo olhar para continuar o seu próprio movimento. E por esta porta não devem entrar todos os leitores de uma só vez, ainda mais no caso da construção de um livro inteiro, de um romance, por exemplo, que é um gênero de mais páginas, de mais fôlego. Os primeiros leitores devem ser sempre os de confiança. É no leitor que todo o trabalho – que pode durar anos da vida de alguém – se concretiza.

Creio que gostaria de ser lida assim como eu também leio as escritoras e os escritores que tomam o tempo de meus dias. Gosto de ler com atenção, sem medo de deixar no livro marcas de minha presença. Quero que meus leitores adentrem o livro como quem passa por um arco de portal, que estejam ali com a presença do corpo e da mente. Adoraria ser grifada, ter frases ou passagens destacadas com lápis, caneta ou com alguma cor de marca-texto, deixando-me saber que quem me leu sentiu que ali estava algo que conversava com seu íntimo, que certa palavra saltou aos olhos da mesma forma que algo boia na superfície de um corpo de água calma. Eu gostaria de ser lida em vida, como quem se entrega ao abraço imprevisível de queridos estranhos.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

A maioria dos textos que escrevo parte sempre de algo que me aconteceu, o que não significa que tudo o que eu escreva seja um relato pessoal e nem um pouco inventado. É como se em cada memória houvesse certa carga de energia, um pedaço de raiz, algo capaz de sustentar um texto não só pela coerência, mas por possuir em si uma semente de verdade. Já dizia o poeta Waly Salomão que “a memória é uma ilha de edição”. Eu a vejo quase como uma estufa, onde se guardam pequenas mudas de flores e plantas, até que chegue o momento certo de trazê-las para fora desse ambiente de plena proteção. Quando trabalho um texto que parte de uma memória, é como se eu plantasse essa muda no chão e lhe dissesse: “aqui muito pode te acontecer, inclusive os danos, inclusive a vida. Mas aqui podes crescer, aqui há espaço para te espalhares e deixar desabrochar aquilo que guardas aí dentro, seja o que for.”

Quando planto a semente de memória num solo de ideias, o texto vai como que me mostrando os caminhos por onde posso ir, e na maioria das vezes vou sem entender as lógicas ou os mapas, essas cartografias que, por mais que eu olhe, não entendo até chegar ao final. Gosto muito de ter indícios de para onde eu vou, mas gosto mais ainda da sensação de não saber de tudo, de manter o trajeto permeado de alguns mistérios.

Creio que o que torna a escrita intuitiva um momento tão prazeroso é isso, como se ali, enquanto traço algumas linhas, enquanto espero um pouco quieta e com o olhar atento, ver algo que eu ainda não sabia se revelando. E então suspirar e dizer “ah, então era sobre isso que eu estava escrevendo...”.

Gosto muito de ler e ouvir sobre o processo de criação de outros escritores, de outros artistas, creio que isso me alimenta e me mostra alguns caminhos possíveis quando o meu próprio parece um pouco engessado, quando por mais que eu leia e queira escrever alguma coisa, o rio parece seco. Nem sempre os dias serão iguais, nem sempre um minuto durará um minuto, nem sempre o corpo acordará em pleno funcionamento e disporá de toda a sua porcentagem de energia para dedicar-se à contemplação, ao preparo das ideias. Mas isso não significa que não seja possível tentar, com frequência, tirar alguns momentos entre uma atividade ou outra e se concentrar um pouco, largar o celular, ficar em silêncio, investigar se uma palavra não vem à mente, de repente uma cena, uma pergunta ou ainda um pedaço de diálogo que pode ser o começo que irradiará todo o resto.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção, autoficção?

Certa vez, uma grande amiga escritora me disse que mais importante do que pensar em cada produção individualmente, é pensar a longo prazo, é se perguntar que tipo de projeto de vida queremos com a literatura. Desde esse dia, tenho pensado com mais leveza sobre o ato de criar. Tenho escrito por alguns anos, já, e não tenho pressa de colocar estes trabalhos no mundo só para que alguém veja que eu os fiz, ainda mais quando em mim tenho a certeza de que não estão prontos, de que ainda não apresentam com firmeza que há ali algo que se sustente sozinho. Então, respeito este tempo, deixo que o que ainda está muito quente ou caótico se aquiete, decante, mostre o verdadeiro motivo de ser. Deixo os textos dormirem, descansarem, vejo seu tamanho mudar, assim como também crescem os pães quando ficam em repouso por algum tempo, e então olho para eles, completamente transformados nesse pequeno intervalo de distância.

Há quem diga que, por mais que alguém publique muitos trabalhos, está de certa forma sempre escrevendo um mesmo livro, um todo que é formado de pequenas partes e que, ao final de um ciclo, faz sentido como uma unidade. Pensar nisso me inquieta e me acalma ao mesmo tempo, ainda mais por me ver ainda muito no início dessa jornada, dessa caminhada

que não se sabe muito bem onde e quando terá fim. Mas de uma coisa tenho absoluta certeza: eu penso na escrita todos os dias de minha vida. E me conforta saber que posso dedicar meu tempo a ela.

Sei que escrever à mão evoca no meu criar algumas aparições inesperadas. Ao lidar com caneta e papel, com o movimento de polegares e pulso, lido também com um outro tempo de querer e assimilações. A caixa de velocidades é outra, diferente da ligeireza que o ato de digitar permite. Por ser mais lenta e, portanto, mais difícil de capturar as primeiras escolhas, sou convidada a escolher diferente, a repensar o raciocínio, sou levada a entrar por outras portas. E o caderno tem também uma aura distinta, parece guardar nossas palavras de um jeito mais antigo, mais analógico, mais diarístico, e talvez por isso, nas minhas escritas em cadernos, meu tom naturalmente se torne mais desnudo, um texto que se aproxima mais de mim mesma do que um texto criado do lado de fora.

O meu eu que cria é formado por muitas partes, quase como se já houvesse em mim diversas versões em diferentes idades, comportando uma linha do tempo que não vai da esquerda para a direita, mas uma reta que se equilibra bem em cima da minha cabeça. Gosto de acreditar que coexistem em meu corpo, ao mesmo tempo, uma criança, uma jovem, uma adulta, uma velha, uma viva e uma morta, e é através desse olhar em caleidoscópio que me sinto capaz de escrever muitas vidas – vidas minhas, vidas outras, vidas vividas ou somente imaginadas (vidas que ainda irei viver, ou vidas que, só por serem escritas, já são vidas experienciadas). Escrevo porque apenas viver não me basta. É preciso este mais um tanto que só consigo assim, infinitamente tentando.

Irene de Marco Ferreira

Que vês quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Quando me olho no espelho da minha escritura artística vejo uma mulher que viveu com emoção tudo que lhe foi possível em cada fase de sua vida, ainda vive e sonha sem medida. Uma mulher que, através da escrita, se analisa e se reconstrói continuamente. Reflete sobre suas vivências, orgulha-se de si mesma, das suas escolhas e da sua caminhada. Essa mulher, em suas reflexões, permite-se também ser atravessada por outras vidas, reais ou inventadas.

Teu conceito de poesia? Tua concepção autopoética tem variado no transcurso de tua obra e/ou de tua escritura?

Poesia, para mim, é o texto que é intrinsecamente visceral e sensorial.

Sim, minha concepção autopoética está sempre em mutação, assim como a vida. Como defendia o filósofo Heráclito, “Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras.”

Tu és leitora? De que tipo? Tens deusas/es tutelares?

Sou leitora de gêneros variados. Gosto de ler, especialmente, poesia, romances e biografias. Leio predominantemente autores brasileiros, mas me expando também com os estrangeiros. Sou fascinada pela beleza poética da simplicidade em Mario Quintana, pela poesia imagética de Manuel de Barros, pela voz feminina de Chico Buarque, pelas reflexões introspectivas de Lia Luft e pela narrativa poética de Valter Hugo Mãe, entre tantos outros autores que, quando leio, parecem “falar apenas comigo”.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Quando escrevo, num primeiro momento criativo, não penso em prováveis leitores, apenas derramo ideias e sentimentos. Mas, nas etapas de lapidação, o leitor passa a ser meu foco principal, uma vez que me preocupo com a forma e a sonoridade, ainda que não me limite a cuidados com métrica e rima. Depois que dou forma final ao texto, imagino e espero encontrar leitores que se emocionem com a minha escrita. Ressalto que a palavra “final”, citada anteriormente, trata-se apenas de um término proposital e, algumas vezes, não definitivo.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais. Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

Acredito que, humanos, estamos sempre em evolução e/ou revolução em busca de “uma certa felicidade”. Após um longo período de dedicação quase exclusiva ao trabalho e à família, neste momento de vida, o mundo, para mim é um espaço infinito de possibilidades de existir. Entre essas possibilidades, está a escrita.

Através dela transito entre movimentos de introspecção e expansão que têm como foco as relações sociais e afetivas, reais ou imaginárias. Para isso concorrem evocação de memórias, leituras, conversas e escutas. Também são estímulos a observação mais apurada da natureza e a apreciação de música.

Dessa forma, visão de mundo e autopoética se relacionam à medida que esta me proporciona a liberdade de criar e recriar diferentes sujeitos (personas) que expandem o meu viver e, de certa forma, me realizam.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Embora me arrisque na escritura de poemas há alguns poucos anos, sempre o fiz de forma intuitiva. A participação no curso “Autopoética: mulheres no espelho” foi a minha iniciação nas reflexões pertinentes a essa pergunta e, por isso, esse é um tema no qual ainda engatinho. Com respeito a autoria, agregando meus conhecimentos linguísticos ao que discutimos no período do referido curso, entendo que quando escrevo assumo diferentes posições discursivas para construir aquilo que quero dizer e/ou para esconder o que não quero e que isso significa me constituir com diferentes facetas autorais. Nesse sentido, quando escrevo sobre mim, produzo autoficção. Por outro lado, mas na mesma linha de pensamento, se escrevo sobre meu poema ou sobre como a poesia me atravessa no processo criativo estou produzindo metapoesia. Ainda não me sinto segura na defesa dessas ideias, mas penso que a autoficção e a metapoesia estão diretamente relacionadas a uma necessidade de construção e fortalecimento do ego autoral.

Josineide Silva

Que vês quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Uma mulher inquieta e inacabada, buscando trilhar seu próprio caminho na arte do fazer poético.

Teu conceito de poesia? A concepção autopoética tem variado no transcurso de tua obra e/ou de tua escritura?

Poesia é tudo aquilo que transcendo o imaginário. A poesia é uma forma de expressão artística que utiliza palavras e linguagem de maneira estilizada para transmitir emoções, ideias e imagens de uma maneira mais concentrada e evocativa, usando ritmo, métrica, rima e outras técnicas literárias para criar uma experiência estética única, como o meu caso na poesia de Cordel.

Todos os dias me convenço de que concepções são mutáveis, sendo assim, vivo em constante procura pelo meu jeito próprio de fazer arte. Absorvo, aprendo, apreendo e capto o que puder de melhor. Me expressando, mas mantendo sempre um processo de autoconhecimento e autorreflexão sobre a minha maneira de escrever poesia.

Tu és leitora. De que tipo. Tens deuses tutelares?

Sou leitora de cordéis desde que me entendo por gente. Adoro ficção, fantasia e aventuras mirabolantes. Uma amiga me disse que poderia me comparar com a Deusa Gaia, da mitologia grega. Desde então amo a Deusa Mãe-Terra por ter uma das formações em educação ambiental e me preocupar desde então com o futuro do nosso planeta e dos humanos.

Como gostarias de ser lida. Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Todo autor presa por leitores que olhem para o teu texto criticamente, sorvendo cada gole que estão dispostas nas palavras. Cada vez que escrevo procura dar o máximo de informações ao leitor, pensando sempre na minha área que é a Literatura de Cordel, que do outro lado da página pode ter um leitor que não sabe do que estou falando, sendo assim, procuro sempre por uma breve contextualização acerca do assunto.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura natua autopoética?

Sou uma romântica sonhadora que acredita em utopias. Na composição dos meus textos busco refúgio na escrita afetiva, baseadas muitas vezes em minha memória, como sons, cheiros, aromas, vinculando o que escrevo às minhas vivências e experiências, mesclando com valores

que me constituíram primeiro como ser humano. Procuo transparecer na minha escrita não só quanto a minha maneira de ver o mundo, mas também com o que aconteceno mundo ao meu redor, cotidianamente falando, buscando no outro a compreensão mais profunda de mim mesma.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Como sou finita e incompleta, me invento e reinvento todos os dias.

Lilian Ney

Que vêς quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Eu vejo uma mulher sempre outra, em movimento, em construção, em constante estarsendo. E isso, não é ruim. A escrita poética é um transbordar da vida, do amor, do desejo, do medo da morte, não dela em si, mas a do esquecimento, do nada mais depois da lápide.

Teu conceito de poesia? A concepção autopoética tem variado no transcurso de tua escritura?

A poesia é livre. Provoca. Incita. Excita. A poesia, assim como a arte em todas as suas diversidades culturais, é política. É denúncia. Em um dos poemas dessa coletânea eu falo que meu poema é constelação. É também inspiração, expiração, respiração. Uma amiga poeta, me disse, que os meus versos mudaram. E mudaram mesmo, deixaram de ser poemas das/dos poetas que eu consumia e passaram a ser meus, a falar da minha intimidade, da minha necessidade de comunicação e de continuidade.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Ler é viajar em outros mundos. É se desacomodar. É entrar por labirintos em busca do minotauro, não para matá-lo, mas para saber dele, da sua existência, da sua solidão, da sua alegria. Ler é ir ao encontro. É também, se reconhecer, se descobrir, se reinventar a partir da escrita do outro. Foi assim comigo. Lembro das tardes de chuva na companhia de Florbela Espanca e Augusto dos Anjos e logo em seguida, adentrando no mundo poético de Carlos Drummond de Andrade. Quando fiz mais idade, descobri Adélia Prado, com quem tenho uma relação de amor muito grande, principalmente com seus poemas do cotidiano. Não posso deixar de falar de Hilda Hilst e seus versos impregnados de paixão.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes teus leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Eu quero ser lida com intensidade. Quero renascer em cada leitura, em cada dedo que acompanha as linhas poéticas. Quero ser lida como um encantamento. Se eu tenho necessidade e urgência de escrever, quero ser lida com essa mesma necessidade e urgência. O encantamento, a paixão, o desejo, movem à vida, sem isso, não resta mais nada, nem mesmo a morte.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

A poesia é política. Quero dizer o indizível. Gritar as injustiças. Quero dizer nos meus versos sobre o feminicídio, o sexismo, as homofobias, o racismo e outras formas de desumanização das pessoas. E, também, falar das saudades, que me acordam às três da madrugada; do desejo

de estar nos braços do amor; da vontade de me embriagar e esquecer as dores, nem que seja por uma noite, apenas; do erótico em mim, porque sem *Eros* nos restasamente a pele que recobre nosso corpo; chamar as mulheres e homens e crianças e todas as pessoas para caminhar comigo em busca de um mundo em que não tenhamos medo. Viver a vida como utopia.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Estou sempre (re)escrevendo a minha história sob a ótica de um olhar estético. Crio caminhos imaginários quando a vida se torna um pouco mais dura. Uma fuga? Talvez! Preciso sobreviver às intempéries da existência. A poesia resiste ao tempo, mora em todo lugar, tudo é poesia, até a política é poesia. A poesia é como um banco, uma cama, um prato de comida, se a gente não se sentar, não transar, não comer, de que vale? A poesia é para ser dita, escrita, publicada, lida, compartilhada e, por isso, a importância das leitoras e dos leitores, elas e eles são nossas abelhas polinizadoras. Enfim, escrevo porque sofro de transbordamentos.

Lena Fuão

Que vêς quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Me vejo como uma pessoa que, acima de tudo, tem ânsia de questionar e de, ao mesmo tempo, buscar respostas para a existência. Vejo uma escritora que, por meio de analogias, tenta entender essa incógnita que é existir. Os paradoxos da vida e suas incongruências são postas em discussão e por vezes surge a angústia de não chegar a lugar nenhum. Um eu em busca infinita.

Teu conceito de poesia? Tua concepção autopoética tem variado no transcurso de tua escritura?

Poesia é tudo, pode ser qualquer coisa, mas também nada. É faca que corta a carne sem dó nem piedade para talvez encontrar em suas entranhas uma resposta. Mas que também ao buscá-la encontra um vazio. Poesia é muito e tanto que, veja só, pode ser estimulada pelo mais simples e ordinário, daí o olhar aguçado e atento do poeta.

Entretanto, o poeta precisa estar em constante movimento, dinamicidade. Por isso, cambia também seu entendimento sobre a escrita e o seu fazer literário.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Preciso confessar que minhas bases estão calcadas na literatura brasileira e portuguesa: Adélia, Manoel de Barros, João Simões, Drummond, Rosa, Florbela e Pessoa, dentre outros.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes os leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Acho que eu sempre choco quando digo que não penso nos leitores, o que esperam, o que vão dizer, porque a escrita para mim é, antes de tudo, uma necessidade, um compromisso de sobrevivência que tenho comigo mesma. Mas gostaria de ser lida de maneira plural, multissignificativa. Me apraz demais quando alguém encontra em meus textos uma possibilidade de leitura na qual eu não havia pensado. É o texto em seus desdobramentos.

Como caracterizarias tua visão de mundo. Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

Minha visão de mundo está lá, nas linhas e entrelinhas do que escrevo: questionativa, contestadora, mas também visceral e melancólica. Não há muito, a meu ver, como separar isso. Ainda que não parta de uma experiência pessoal, é o meu modo de ver e de lidar com as coisas que está lá. Mas não esqueçamos de que o poeta é um fingidor.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção?

Sinto que a “tentativa” de entender o fazer poético e a própria poesia me persegue com constância, com insistência. Às vezes chego próxima a uma resposta para daqui a pouco me questionar novamente. Por isso sigo escrevendo.

Aimée G. Bolaños

Que vês quando te olhas no espelho de tua escritura artística?

Vejo uma mulher feita pela escritura do tempo, tanto vital como histórico. Voltada para si mesma, se bem fascinada pela condição humana. Que se ausculta e expressa, que ama a composição e rende culto à beleza. Uma mulher incompleta, buscando o que não poder ser encontrado, mas que ainda assim não perdeu a fé no melhoramento humano. Uma mulher em movimento criativo e autocriativo.

Teu conceito de poesia? Tua concepção autopoética tem variado no transcurso de tua escritura?

A poesia, para mim, é indefinível, mas a imagino como voo, mergulho. Ir para adentro e remontar, transgredindo. Também concebo a poesia como um espaço irradiante onde o ser habita. Uma prática que coloca no mundo algo que antes não existia. Talvez uma casa de palavras.

Minha autopoética, vista como projeto autoral, está em desenvolvimento porque se fundamenta na escritura artística. Experimento, mudo, ensaio. Exploro possibilidades compositivas. Entendo o processo criativo, tomando a imagem de Paul Ricoeur, como um laboratório de formas. Ademais, motivada pelo exercício docente, tento compreender e explicar, neste caso a autopoética. Acredito aristotelicamente que a práxis antecede à teoria, se bem os vasos comunicantes são muito intensos, e interativos. Nesse entendimento, adentro-me no universo da poética de forma cada vez mais consciente, advertida, com o fundamento da própria obra.

Tu és leitora? De que tipo? Tens deuses tutelares?

Sou leitora devota. Por vocação, obrigação e prazer. Aprendi a ler com *La edad de oro* de José Martí. Tólstoi e Dostoiévski são figuras tutelares no estético e vital, assim como os grandes narradores franceses de século XIX: Balzac, Stendhal, Flaubert. Grandes inspirações: Thomas Mann, Hermann Hesse, Marguerite Yourcenar, Marguerite Duras, Alejo Carpentier. Nos últimos anos, me delicio com a poesia, sobretudo da língua portuguesa e de autoria feminina: Cecília Meireles, Adélia Prado, Maria Carpi, Sophia de Mello. Fernando Pessoa e Jorge Luis Borges me deslumbram como instâncias fundacionais da ficção contemporânea. Desde cedo fui uma leitora apaixonada e pragmática. Acho que não mudei.

Como gostarias de ser lida? Estão presentes os leitores, na comunicação artística, quando escreves?

Considero que ler é um ato de liberdade. Borges dizia que não se pode conjugar o verbo amar ou ler no imperativo. Portanto, aspiro a ser lida na livre interpretação, o texto aberto a múltiplos sentidos, com frequência inimagináveis para a autora. Conto, fabulo, faço memória,

invento, crio quimeras, reescrevo mitos. As figuras e histórias da ficção não só estariam incompletas, como nem sequer existiriam sem a imaginação leitora.

Como caracterizarias tua visão de mundo? Na composição de teus textos, quais são teus modos de proceder fundamentais? Como se vinculam visão e escritura na tua autopoética?

Minha visão do mundo é crítica, de incertezas e interrogações. Penso de modo especulativo, provisório, explorando variantes e alternativas. Consequentemente a autopoética está fundada livremente em uma experiência que ultrapassa o pessoal. No seio dos reflexos de identidade e alteridade me interesso pela criação de figuras e vidas imaginárias no contexto maior das escrituras de si mesmo. Evidentemente acredito na interrelação profunda entre autoficção e bioficção, assunto ainda pouco estudado pela poética contemporânea. As biografias imaginárias de mulheres que escrevo tentam expressar de forma poética a complexidade intraduzível da vida. A referência pode ser histórica, mitológica, autobiográfica. As personagens a miúdo estão em diáspora, são errantes, assunto tão antigo como atual. As visões também são recorrentes na minha obra, inspiradas por uma tradição de mística erótica feminina. Memória e fabulação constituem motivações dominantes na visão de mundo e, portanto, fundamentos da autopoética.

Como lidas com tua existência autoral: metapoesia, autoficção, auto@ficção?

Entendo a autora como uma figura da ficção feita de identidades fluidas. Esa autora que existe na letra, me vivifica e desafia. Concebo a autoficção como ficção de autor em termos transnarcicistas. Por tanto, lugar de revelação e contradição, espaço ideal da pulsão criativa onde a autora habita e é habitada pela obra, feita e por vir.

Nesse jogo especular e especulativo, a metapoesia como poesia de autor tem significação fundamental. Nela a autora se autocaracteriza no percurso vital e criativo para marcar um ponto de giro nas escrituras do eu que favorecem uma renovada paixão pela escritura. Tanto em sentido existencial como artístico, a metapoesia acolhe o reflexo de si para si e de si para o outro em convergência, concedendo relevância à autoria na ficção.

O ofício de leitora, sendo também professora e ensaísta, obriga prazerosamente a pensar e escrever sobre o que as outras, me incluindo, fazemos. Reflexão e autorreflexão em vínculo de dupla mão. Assim, os livros escritos, ou que estou escrevendo, dão vida a mulheres de palavras, criadoras de mundos imaginários e de si mesmas.

Ivonne Sánchez-Barea

¿Qué ves cuando te observas en el espejo de tu escritura artística?

Veo la inquietud y continuo movimiento del pensamiento holístico, divergente y en constante cuestionamiento de la existencia, y la búsqueda de respuestas. Desde la concepción de que cada tema, realidad, circunstancia es parte de un todo y que a la vez la suma de todas las partes.

¿Cuál es tu concepto de poesía?

Defino la poesía como la capacidad de trasladar mediante el lenguaje verbal escrito todo aquello que inquieta, ves, te preguntas, o quieres expresar con total libertad.

¿Eres una lectora?

He sido lectora de temas filosóficos, y científicos relacionados con el pensamiento, ahora soy lectora fundamentalmente de poesía. Lectora analítica. Que busca esencias y verdades.

¿Tienes autores tutelares/referenciales?

Sí, los he tenido, y descubro con cada lectura, mundos inmersos en otros mundos personales, y establezco paralelismos en el espacio/tiempo, con la propia vivencia /experiencia, y/o, premisa que conlleva la elaborada consolidación de las ideas, que pueda yo misma verificar como propias, como auténticas, como sólidas en mi pensamiento.

¿Cómo te gustaría que te leyeran?

Con la libertad de abrir el pensamiento, sin prejuicios por cuestión de género, con una mente que juegue entre la imagen y la palabra, con la capacidad de adentrarse en los mundos individuales y colectivos.

¿Tus lectores están presentes ante la comunicación artística?

En el momento de la creación, no tengo en cuenta al lector y/o espectador, sino la realización y el traslado lo más precisa posible de los conceptos, los pensamientos, las emociones que deseo comunicar.

¿Cuándo escribes?

Cuando me siento conmovida, dolida, amada, rechazada, sola o acompañada, es un ejercicio que llevo ejercitando por un tiempo de casi cinco décadas. Unas veces he destruido lo que escribía, o me lo han destruido, pero cuando he publicado, he sentido que tiene un porque este deambular creativo y que es mi tarea vital y para lo que he nacido.

¿Cómo caracterizarías tu visión del mundo?

Con una mirada primeramente ingenua, luego analítica, luego, conceptual, expresiva, espontánea, limpia y directa.

¿Al escribir tus textos, cómo son tus formas fundamentales de proceder?

En el momento que la idea se consolida, utilizo cualquier forma de escribir, sea bien a mano, en el ordenador e incluso en el teléfono celular.

¿Cómo se vincula la visión y la escritura?

En mi caso personal, es muy probable el juego visual con la palabra, sea bien porque escriba y luego ilustre, dibuje, pinte o esculpa. O a la inversa, que primero ejercite el trabajo visual y a partir de la imagen surjan las palabras como complemento.

¿Tu autopoética?

Mi auténtica esencia y motivo de existir.

¿Cómo enfrentas tu existencia autoral: metapoesía, autoficción?

En ocasiones, con ansiedad, prisa, desde esa emoción intensa que deseo que no se escape. Otras, con un pausado expresarme, por los medios que me son posibles.

Lady Rojas Benavente

*Aquí, ninfas del sur, venid ligeras;
pues que soy la primera que os imploro,
dadme vuestro socorro las primeras
Clarinda,
Discurso en loor de la poesía (1608)*

Citaré unos versos de mi poemario *Estrella de agua* (Paris: L'Harmattan, 2006), para orientar la comprensión de las respuestas.

¿Qué ves cuando te miras en el espejo de tu escritura artística?

*yo soy una montaña
de ichu
la quinta hija
a veces
una tiza en los bolsillos
otras veces
un verso alegre
y el resto del tiempo
una de tantas mujeres
con pasaporte y visa/ “extranjera”. (¿Y quién es ésta?)*

Percibo a una aprendiz adolescente, soy joven peregrina, adulta errabunda de las letras, lenguas y culturas propias y las ajenas a-propia-das; una anciana consciente de sus raíces entremezcladas: incas, quechuas y españolas que crea, desmonta y recrea los fragmentos de un sujeto. Este interactúa con las imágenes de cada época y las corrientes de constante transformación. Imagino y trazo, primero, mis representaciones de lo invisible y lo válido de mi subjetividad que aseveran que soy mujer pensante que siente lo que ocurre en la sociedad que mira mi extrañeza. Abordo, en segundo lugar, las percepciones ajenas que se concentran en mi apariencia externa, en la envoltura fisiológica, en diferencias epidérmicas, en entonaciones discordes a las suyas y me reducen a ser objeto turístico o exótico. Celebro, en tercer lugar, oralmente y con la semántica plurívoca de la escritura, mi encarnación en lectora crítica, vagabunda curiosa, profesora intercultural y agente multilingüe que se desliza en el manantial sureño en donde se abreva de las aguas fluidas de su historia pasada. El yo nómada subraya su identidad formándose y modificándose en interacción con la otredad y contradiciendo las dualidades sexuales y sexistas, raciales y racistas. De esa forma subvierte las reglamentaciones y mascaradas estereotipadas de la fémina doméstica y de la extranjera pasiva.

Retrato y promuevo también en la plaza pública la valentía de jóvenes universitarias, de las autóctonas puestas en las reservas (cárceles) neocoloniales de los “blancos” y de las esposas o compañeras víctimas que sufren la violencia de hombres autoritarios o cónyuges acomplejados que las subyugan, castigan y asesinan porque se atreven a estudiar, se capacitan

para adquirir una profesión o desean trabajar para independizarse económica y afectivamente. Me atraen las autoras que luchan en sus escritos contra el terror patriarcal y la misoginia abierta o subterránea. He creado una habitación magistral en mis obras donde conservo las voces y me regocijo con las insurgentes que cuestionaron los poderes abusivos y partieron dejándonos su aporte. Rememoro a amistades y seres maravillosos, las historias de mis ancestros y las cosmogonías que atestiguan la importancia de las relaciones armónicas con nuestro planeta. Capto rasgos de la reverberación de un ser sensible, pensante, único, plural y complejo que manifiesta su creatividad personal como vía posible de faena en la auto metamorfosis artístico-cultural. Me reflejo a través de las iniciativas que promueven propuestas colectivas innovadoras. Defiendo los derechos humanos, la igualdad para mitad de la población discriminada y la eco-responsabilidad comunitaria. Contribuyo sobre todo a transmitir el legado de figuras remarcables en la historia de la humanidad y el aporte de escritoras, artistas y otras combatientes del mundo a aceptar la Otredad que los demás ven en mí para construir una sociedad justa de reciprocidad equitativa, negociación intercultural, no de imposición o competencia.

¿Cuál es tu concepto de poesía?

*¡Nuestra voz/ se enronquece/ para gritar/ no a la guerra!
(Un 17 y otros días de guerra)*

La poesía es para mí aventura escritural y encrucijada existencial, más que un concepto. En la praxis personal y en la profesional, claro que establecemos la relación teórica en dialéctica con los signos textuales que emiten los sujetos. Figuramos partiendo del texto, cómo procede cada escritor.a en su génesis creadora. Nuestro acercamiento desmonta la creencia simplista de que el autor controla conscientemente el proceso y mantiene su autoridad ante la significación del texto. Por mi parte, en el recinto libre del que hacer poético, mi sujeto hace preguntas que exigen un trabajo interior intenso de sinceridad conmigo misma. Constató, cómo detrás del ritmo de un poema, la pausa de un vocablo, la respiración de un verso y la estrofa, se imbrican los arcanos y signos de algo fundacional y singular en mi escritura que escapa a la razón y al intelecto.

Evoco los poemas que aprendí de niña y me acompañan hasta ahora como amuletos de dicha y pena. Surgen de manera paralela en la esfera lírica, las sombras fantasmales de los demonios, censores y personajes que precipitaron mis caídas en el precipicio. En gran parte de mi exploración laboriosa, no hallo respuestas a enigmas; sin embargo, persisto en la búsqueda. Empleo la confesión y la fuerza elocutoria del verbo desnudo que en las páginas centella luz en medio de la oscuridad, calma ciertos pesares, lima los quiebres, ritualiza el duelo de las relaciones y detesta los conflictos y las agresiones.

Sé que el lenguaje poético irrumpo contra las barreras de la realidad opresiva y sus exigencias. La literatura nos autoriza a entrar en el territorio ignoto de lo inconsciente que aflora cuando, en lugar de frenar nuestros deseos, dejamos que esos agujones corran en libertad y afecten nuestras poéticas. Toman una dirección que yo no puedo ni controlar ni explicar claramente. Por esos agujeros y nebulosas radica la clave de cómo los lectores agudos captarán lo propio y lo que parece ajeno. Persisto en sondearme a mí misma en contextos distintos y en interrelaciones dialógicas con seres diferentes. Se agudiza esa tendencia desde mi estancia en Canadá hace casi medio siglo. Participo en el espacio de las letras y me arriesgo a transitar entre la vida y la muerte, una hamaca lírica me balancea entre eros y tanatos, camino de ida y vuelta en el puente entre identidad y alteridad. Acepto capacidades y valido limitaciones, confirmo mis sueños con estrellas marinas y planetarias, platico con las damas de las Artes y sus protagonistas, aprendo sus astucias placenteras, su transgresión de ideologías coercitivas y

valoro sus plumas polivalentes que me conectan con compromisos vitales, cósmicos y culturales.

¿Ha variado tu concepto de autopoética tu escritura?

*¡En mi Lima limonera
las primas
como yo
pierden la vera!
(Otra primavera)*

Pienso, a partir de mi caso, que si no cambiamos, nos quedaremos paralizados por las experiencias espinosas o huiremos de las trabas y los problemas. Podemos y debemos encararlos para descifrar nuestras facultades de reacción y avance. Lo mismo pasa en mi actuación lírica. Mi poética inicial en la adolescencia despegó tímidamente con un impulso intimista y entusiasta, amigable y familiar, risueño y juguetón. Luego en la juventud adopté un tono reflexivo y honoré el caudal del lenguaje lírico por los héroes y las heroínas de un mundo mejor, leí a los estetas clásicos y encontré talento en varios interlocutores. Me embarco desde la adultez en temáticas sustanciales de los siglos XX y XXI con perspectiva abierta. Ese desarrollo paulatino me invita a sincerarme y ser consecuente con valores éticos, artísticos, históricos, feministas y socio-políticos.

En la actualidad, exploro cierto distanciamiento afectivo y añado una dosis de humor y ligereza para que ni las dificultades cotidianas con los sistemas oficiales, ni los muros interétnicos, ni los conflictos nacionales e internacionales me impacten, en el sentido de que me depriman y estanquen. En la madurez fui muy exigente conmigo y con los demás. Me reajusto actualmente a mi circunstancia restringida. Me obligo a ser más flexible y ágil conmigo misma en las actitudes y reclamos, en el papel y con los demás. La poesía constituye mi cimiento, punto de arranque vital y pulsión de energía con la cual adhiero al cauce más lento del ahora. Ansío que propicie una existencia *zen* en este periodo final. Es la única forma como podré enfrentar asaltos imprevisibles, dolorosos e inesperados del mundo exterior que todavía me afectan y atormentan enormemente.

¿Eres lectora, qué tipo de lectora? ¿Tienes diosas tutelares?

*...entóné los versos
de Gilles Vigneault,
los cantos de Georges d'Or y
Une saison dans la vie d'Emmanuel
de Marie Claire Blais.
(A mi amante)*

Mi madre nos cantó composiciones populares de Perú, Argentina, México y España que endulzaron mi ser retraído y musicalizaron mi oído. Mi padre, de su lado, trabajó en el servicio público. Cultivó en su tiempo libre la lectura asidua de la literatura internacional con la cual persiguió su formación autodidacta. Él impulsó mi vocación lectora. Me fascinó retraerme del bullicio. Desde entonces, penetré en silencio y con reverencia en el templo cultural de donde emanaban relámpagos de luz, sonidos, pausas, silencio e historias de seres desconocidos. La imaginación de escritores se dispara en sueños y fantasías que componen a través del verbo encarnado en las palabras.

Varias circunstancias de salud y de disponibilidad me procuraron esa pasión por las letras. Mi

necesidad terapéutica de hacer ejercicios espirituales se convirtió en una fuente imperiosa de motivación lectora. Me volví aficionada y acudí regularmente a la Biblioteca Nacional de Perú, en Lima. Así nació mi aspiración a escribir algún día. Mi padre surtió la biblioteca familiar con autores rusos, franceses, alemanes e ingleses traducidos al español. Más tarde, cuando me gradué de profesora de literatura, destiné parte de mi presupuesto a conseguir la producción literaria de peruanos y otros artistas.

La educación lectora nos concede competencia, gozo y libertad; motiva al estudiantado, al pueblo y a los ciudadanos a pensar y decidir por sí mismos. Acrecienta la esperanza para transformarnos espiritualmente. Con honestidad y dignidad intelectual, yo investigadora feminista he consagrado más o menos el 90 % de mi producción creativa y crítica a las escritoras de las Américas. Me limitaré a señalar mi herencia y filiación americanista que se inscriben y deben mucho al linaje de creadoras y promotoras poéticas de la colonia, a las escritoras novecentistas y a las más contemporáneas.

Flora Tristán constituye la figura faro por excelencia de la trotamundos transcontinental, insigne escritora franco-peruana, cuyo libro *Peregrinaciones de una paria* (1833-1834) en francés fue quemado en Arequipa. Ella encarna para mí el baluarte y alzó la antorcha de muchas batallas que las de su género “bastardo”, ninguneado y menospreciado, retomarán a lo largo de los siglos XX y XXI. Entre los objetivos del arte-vida de Flora nos conciernen los que exige para que la sociedad reconozca y respete los derechos de las mujeres: que obtengan el patrimonio familiar, defiendan el piso donde viven, viajen solas y en seguridad, reivindiquen sus apellidos y nacionalidades, tomen la voz, trabajen en condiciones decentes y denuncien oral o por escrito la ley falogocéntrica del padre, tío, tutor y marido, la corrupción política, el fanatismo religioso, los males socio-económicos y la doble moral que favorece a los varones.

¿Cómo te gustaría que te leyeran? ¿Están presentes tus lectores, la comunicación artística, cuando escribes?

*Mi tierra: la Pachamama donde canta el sol
Tu patria: un árbol indígena y
La hija de Europa en las Américas.
(El salto al vacío)*

Cuando escribo, parto primero del impacto que me causa nuestro breve peregrinar en la Mamapacha que nos sostiene. Las vivencias, experiencias cósmicas y las interrelaciones humanas trazan un itinerario que, en muchas ocasiones, despierta consonancias en los lectores. La verdad es que el texto, una vez publicado y leído por un.a lector.a, toma su propia dirección. Por supuesto que me emociona cuando alguien me comenta su parecer a partir de la lectura. Me quedo perpleja cuando los.as lectores.as vislumbran sentidos y significaciones que añaden a partir de su sensibilidad. Creo que la libertad del que lee una obra le otorga la opción de dejar su huella y de manifestarla. En eso consiste la hermenéutica de la recepción interactiva y dialogante, analítica y novedosa.

Soy sujeto plurilingüe y navego entre culturas, lenguas diversas y personas de diferentes diásporas desembarcadas de otro país a Canadá. Esa posición migrante permea mi ser y lo marca con sus ritmos lúdicos en el entrecruzamiento de la mixtura de términos españoles, quechuas, ingleses y franceses. Las lenguas permean la tesitura simbólica, no de las lingüísticas aprendidas, sino de la capacidad dinámica para que yo pueda negociar mi posición socio-cultural en el cosmos. El intercambio dialógico permite que el yo, sujeto enunciador, y sus interlocutores transiten en el circuito de la comunicación. Los que escuchan atentamente se encuentran en el devenir constante de sus funciones transitorias.

¿Cómo caracterizarías tu visión del mundo? A la hora de componer tus textos, ¿cuáles son tus formas fundamentales de proceder? ¿Cómo se vinculan visión y escritura en tu autopoética?

*No hubo sonido
para mi apellido
ni espacio
para la mujer-fuente
ni árbol
donde colgar
mi nombre: P-A-R-I-A.
(Paria)*

La visión relativa de mi autopoética se alimenta de las emociones y del amor vital que recibí y que entrego, en mutua correspondencia. La ligo a una ética humanista que se concierta con intereses colectivos, es experimental y en continuo devenir. Proviene de una pedagogía democrática y rebelde que pongo en praxis con el objetivo de promover una cultura pacífica, no pasiva ni obediente ni estancada, sino al contrario, dinámica y performativa. Concibo que la visión de la estética responsable va de la mano con la ética humanizadora y cósmica, compartidas por gentes inquietas y personas elegidas a las cuales ofrezco mi existencia y con las cuales comparto labor.

Vengo de una familia de padres provincianos del Perú que conservaron su apego a la Mamapacha y la resguardaron mostrándonos, con su ejemplo, a preservar a nuestra madre tierra. Aprecié desde niña la visión andina cósmica que favorece las interrelaciones positivas para que nos respetemos a nosotros mismos y lo mismo a cada ser vivo. Esa forma de vivir única nos permite velar por nuestro planeta, el bienestar común y para protegernos el uno al otro. Mi aprendizaje directo lo apliqué en la enseñanza de la filosofía, psicología, literatura y las lenguas que nos ponen en contacto de nosotros con los semejantes, con los cuales cohabitamos en la naturaleza que habitamos.

Yo concibo que mi escritura poética se encuentra enraizada en actos artísticos y culturales humanizadores, que me hacen bien y contribuyen al entendimiento y la unión de miembros de diferentes comunidades con las cuales comparto mis aspiraciones.

¿Cómo abor das tu existencia autoral: metapoesía, autoficción?

*Séptimo truco:
lee maravillada a Sor Juana
haz tertulias
como Juana Manuela Gorriti
y goza con los dones
de Gioconda Belli.
(Trucos para quedarse sin puesto)*

Con mucha humildad y sencillez miro cada texto genuino y proyecto en él, consciente e inconscientemente las imágenes que me religan a mi ser íntimo, escritural, lectoral y dialogante. Al hacer *poiesis* procuro sentido a mi vida, intento convertir mi existir en arte; sé que la realidad nos aplasta muchas veces con sus crueldades que sabotean el curso de nuestros afanes. En suma, ambos elementos, existencia y arte se nutren, se confrontan y confortan. Aflora difícilmente en las páginas el deseo de lo que quiero indicar, pero está latente y, en otros instantes, se deslizan secretos que anhelo callar. Dejo pasar un tiempo y cuando vuelvo a

leer las líneas, encuentro una presencia ajena y una sombra extraña, que hacen parte de mí, de la poeta migrante y exiliada, venida de lejos.

En ese proceso de existencia autoral fictiva, agradezco los vínculos del ser y hacer a cada mentor.a profesor.a, colega, traductora, interlocutor.a, compañera.o, amistades, estudiante y a los.as protagonistas de las artes y las ciencias. Me respaldan cuando yo tomo la palabra o la pluma, recreo, produzco, intervengo y divulgo las obras de otras o las mías. Reconozco a familiares que me inculcan fe en mi cometido. Cuando pongo el tiempo de mi lado y focalizo en los intereses que me motivan, sé que los destinaré a fantasear, leer, escribir, investigar, corregir y seguir creciendo libre e interiormente. Ese apremio cultural y estético hace parte de mi trama vital, me procura placer y me empodera. Emprendo animada un nuevo proyecto poético o de buceo curioso en la creatividad igualmente compleja de otras.os artistas.

Adail Sobral

Linguagem na vida e na arte, especialmente literária: especulações teórico-vivenciais

Neste texto, falo a partir de dois papéis identitários que ocupo, o de pesquisador e professor de Letras, e o de poeta bissexto, em vias de publicar um segundo livro (o primeiro, em edição artesanal, ocorreu na década de 1970). Assim, falo da arte literária, e mesmo da arte em geral, a partir de uma dada concepção teórica, mas também na qualidade de criador.

Em termos pessoais e teóricos, não consigo determinar quem fala quando, digo, que papel avulta, porque todos esses papéis envolvem um mesmo autor-pessoa, bem como uma personagem de mim mesmo que projeto discursivamente, o que é inevitável, sendo essa personagem o autor-criador.

Essa situação dupla, de acadêmico e pessoa que escreve textos literários eventualmente tem, como eu disse, implicações, para a linguagem na arte e na vida e, mais ainda, em todo espaço em que há livros, e literatura em geral, que unem arte e vida via linguagem. Tal situação me fez perguntar, provavelmente sem conseguir dar uma resposta:

A quem estou me dirigindo quando falo disso? A acadêmicos? A outros autores literários?

Onde me situo ao fazer isso? Na vida ou na arte? Nas duas?

Posso estar na vida sem me ligar à arte?

Posso estar na arte e não responder pela vida?

Quem sou eu nesse complexo evento do ser, para além do existir?

Por acaso apago um papel ao me dedicar a algum outro?

Em suma, que imagem de mim posso, devo, quero e vou dar por meio da linguagem?

Imagem quanto à minha arte, limitada que seja, mas também quanto à minha vida, que nunca fica lá fora, mas insiste em me acompanhar em tudo o que faço, na academia, na arte, em tudo. Concluo que estamos condenados a um diálogo sem fim, em alguns casos mesmo que tentemos fugir dele.

Pensei então que talvez se pudesse falar que existem autores e existem escritores. Autores são todos os que escrevem, mas parece haver também uma categoria socialmente mais valorizada: os escritores, isto é, autores de livros literários, o que não é o meu caso, exceto se contarmos uns poucos poemas publicados artesanalmente na década de 1970. De livros literários não. Mas de poemas sim. E de escritos que se poderia chamar de prosa poética. Ou se escritos acadêmicos que não perdem expressividade, apesar das normas.

Assim, talvez, do ponto de vista das vivências, eu só possa falar mesmo com mais legitimidade de linguagem na vida, especialmente acadêmica, e pouco na arte, exceto como leitor de textos artísticos. Talvez eu não possa contar esses poucos poemas publicados, e alguns inéditos, ao lado de outros escritos literários guardados, como capazes de me tornar escritor. Mas sou sem dúvida autor.

Mas será que isso se sustenta? Só são escritores alguns autores ou o são todos que escrevem, com maior ou menor de sucesso, reconhecimento, etc.? Terá isso alguma importância afora mostrar que, socialmente, há tipos de texto mais valorizados.

Em minha autoria acadêmica, não posso negar que acalento o desejo de que gostem do que escrevo, mais do que aceitem sua “verdade”, e, com efeito, de que gostem de mim, nesse sentido, mesmo que esse “mim” seja apenas a imagem autoral que apresento, e não eu pessoalmente, embota eu sempre esteja presente. Logo, se as formas de interagir se distinguem, desejar ter aceitos os próprios escritos como coisa boa, receber afeto por isso, talvez seja algo que nos une.

De todo modo, corro o risco de falar da arte da linguagem e da linguagem e da arte na vida. Para mim, a linguagem na arte é linguagem na vida. Porque a arte não está fora da vida, mas dentro dela. A arte mostra de dentro da vida coisas que não podemos ver de fora, uma vez que não podemos nos afastar da própria vida para vê-la.

Talvez a arte crie, dentro da vida, um paradoxal avesso da vida, uma espécie de fora que também é dentro. Talvez ela nos mostre o verso de uma folha que pode bem ser a frente, embora não possamos, sem a arte, perceber se é ou não. Talvez ela nos faça ver de novo o que conhecemos como se fosse a primeira vez, para lembrar um poema de Elliot, em tradução minha:

[Jamais devemos deixar de explorar
E o final dessa nossa exploração
Será voltar ao ponto de partida
E conhecê-lo pela primeira vez.
O Rei de Espadas – Quatro Quartetos]

[We shall not cease from exploration
And the end of all our exploring
Will be to arrive where we started
And know the place for the first time.
East Coker – Four Quartets]

Importa situar a linguagem na arte e na vida. A arte é, claro, parte da vida, mas pode alienar-se dela a ponto de não mais vermos vida nela, e ficarmos apenas com um texto morto, algo que não faz sentido, não responde a nada, não anima nada; talvez seja aquilo que se chamou de arte pela arte. Ela também pode, como no chamado realismo socialista, tentar mostrar a vida com tamanha ênfase que deixa de ser obra de arte literária e vira, quem sabe, um tratado, agradável ou tedioso, sobre a vida.

Dialogando com “experiência e linguagem”, tópico de uma fala de Milton Hatoum, o escritor, fiquei pensando no lugar da academia, da universidade: ela está do lado da experiência ou do lado da linguagem? Dos dois? Sim, idealmente. Há casos em que a “linguagem”, no sentido de teoria, descreve a experiência e reflete sobre ela, e pode até servir para que a vejamos melhor, mas também, em outros, pode criar uma espécie de barreira entre nós e a experiência. Nesses casos, a “linguagem” se opõe à vida e à arte.

Arte e vida têm linguagem no meio, mas não só linguagem. Mas a linguagem é algo que convoca tudo que está no meio de tudo, daí seu fascínio sobre nós, como leitores, escritores, autores, professores e, por fim, pesquisadores – em ordem de importância do ponto de vista da escrita: os escritores escrevem especialmente para os leitores.

O que seria afinal a arte? Pensei em falar do celular na vida moderna para tentar defini-la. Assim: todos os dias usamos o celular para várias coisas, e até, o que é mais raro, para ligar e receber ligações. O celular é agora parte da vida de muitos. Mas ele descarrega ou

quebra e daí não funciona. Ou o esquecemos em casa. Ou o perdemos. Usamos o celular todos os dias e nem percebemos. Só o percebemos quando ele descarrega, quebra, quando o esquecemos ou perdemos. Daí vemos o celular, isto é, percebemos sua presença em nossa vida.

A arte, nessa comparação, cria um não estar com o celular: ela nos mostra o celular que é a vida, aquilo que nunca percebemos por que sabemos que está lá. Só quando privados percebemos seu lugar para nós. Claro que não perdemos a vida. Mas podemos, sem a arte, perder a vida de vista, deixar que passe ao nosso lado sem sequer nos virar para vê-la.

A arte nos faz então parar e ver a vida – e sem riscos, ou com menos riscos, porque não paralisamos nossa vida, mas nos debruçamos sobre outras vidas, que estão na obra de arte. Ela cria um espaço que nos obriga a ver o que é invisível por ser conhecido demais, por já ter sido “entendido de uma vez por todas”. A vida, a experiência da vida, na verdade, muitas vezes não se deixam ver enquanto estamos passando por ela, vivendo-a.

Mas há uns raros momentos em que cessamos de deixar a vida apenas passar ao nosso lado e lhe damos ao menos uma olhada, e a vemos prela primeira vez! Isso ocorre em geral, como no caso do celular, quando a rotina da vida é perturbada. Mas o melhor é quando acontece em nosso contato com a arte.

Um pensador russo, Mikhail Bakhtin, criticou a vida rotineira que recusa a arte e também a arte distante que recusa a vida. Ele insistia que a responsabilidade por essa vida sem arte e essa arte sem vida é de todos nós. Ele propôs que vida e arte devem se integrar na vida de cada um, criar em cada um uma unidade singular em que se responde com a vida pelo que se aprende com a arte e se responde a necessidades da vida na arte. Ele disse ainda que parece mais fácil viver sem a inquietação que a arte traz e criar arte sem responder pela vida. Mais fácil, porém mais estéril.

A arte, como vimos, dá uma parada na vida, isto é, na nossa relação com a vida, algo que pode nos trazer algum incômodo. A arte faz isso usando a linguagem. Logo, sem linguagem não há arte. Mas só com linguagem também não. Para haver arte, é preciso algo mais do que a linguagem em si.

Na verdade, para tudo que achamos que tem sentido, tem de haver algo mais do que linguagem em si. O que falta ao que dizemos, usando a linguagem, para haver sentido? E, mais especialmente, o que a arte faz com a linguagem que não fazemos normalmente em nossa vida?

A arte usa a linguagem para sugerir coisas que a linguagem por si não faria, tal como criar, por meio da descrição de um lugar, um clima alegre, lúgubre etc. As palavras usadas na descrição não criam, por si, esses climas. Só criam quando são organizadas de uma maneira que reconstitui os aspectos da vida a que remetem, de que falam, em termos de vida, e não apenas de linguagem.

Falei de linguagem como a vida da arte e da arte como linguagem da vida. Vejam que eu disse “linguagem como a vida da arte”, com destaque para “a vida”, mas também disse que “a arte é linguagem da vida”, e não “a linguagem da vida”. Porque a vida tem outras tantas linguagens além da arte, mas a arte não tem outra vida que não a linguagem: a linguagem cria a arte, faz a arte circular e produzir efeitos nos leitores, influenciar os autores etc. Claro que a arte também cria, ou recria, a linguagem.

A organização de palavras nisso que acabei de dizer terá algo de arte ou só tem de linguagem? E de vida? Esse pensar em “a vida da arte”, com “a”, e “linguagem da vida”, sem “a”, esse uso de um “e” no meio das afirmações “a linguagem é a vida da arte” e “a arte é linguagem da vida”, essas distinções todas, são arte? São vida? Serão arte na vida?

Existe vida sem que exista arte? Existência sem vida há. Existe arte sem que exista vida? Ao longo dos séculos, a vida sempre teve arte, e a arte sempre teve existência e vida, e sempre esteve na vida, claro que com as exceções de que falei. E o mesmo ocorre com a vida

e a linguagem: uma precisa da outra para ser, e defino “ser” como algo além de existir: não fazemos nada para existir; apenas existimos.

Mas é um grande trabalho ser, vir a ser, algo que fazemos continuamente. E, nessa tarefa, a linguagem e a arte são nossos pilares. A linguagem, e especialmente a arte, nos fazem ir além do existir para que possamos ser. Nossa língua portuguesa nos permite fazer essa distinção, ao passo que outras não, ao menos dessa maneira, com palavras distintas.

Nas falas do dia a dia, o contexto já está presente, e não precisamos dizer certas coisas, que são óbvias porque todos veem ou sabem. Na arte, no entanto, é preciso recriar transfiguradamente esse contexto e dizer o que seria óbvio no cotidiano, porque o leitor vai ter apenas esse material para se guiar em sua leitura; ele não pode pedir ao autor que explique ou repita.

A arte da palavra, então, é um procedimento humano de trazer a vida para a linguagem, de dar vida à linguagem, de usar a linguagem para nos fazer parar e ver a vida, em vez de seguir vivendo sem parar para ver e viver. Ela mostra sujeitos falando e sujeitos vivendo, recria contextos e, assim, cria uma realidade que nos faz ver com novos olhos a própria realidade.

Mas cabe lembrar o paradoxo da criação artística, especialmente literária: se não se deve fazer versos sobre acontecimentos (Drummond), embora todo verso seja o acontecimento da transfiguração de eventos vividos, tampouco se pode deixar de fingir que é dor a dor que de fato se sente (Pessoa). Realidade e ilusão se fundem aqui, o que a meu ver constitui a excelência da criação literária. O próprio criador é uma projeção, uma personagem de si mesmo, como eu sempre digo.

E o texto literário pode ser uma conversa sobre vida, poesia e filosofia. É o que busco mostrar neste poema:

Poema filosófico

(Diálogo com um trecho de Heidegger sobre o pensar, a poesia e a filosofia)

"Três perigos ameaçam o pensar.

O bom perigo, e por isso benfazejo, é a vizinhança do poeta que canta.

O mau perigo e por isso mais agudo é o pensar mesmo.

Deve pensar contra si mesmo, o que só raramente consegue.

O pior perigo, e por isso confuso, é o filosofar."

Aus der Erfahrung des Denkens - (Sobre a Experiência do Pensar - 1947.

In: *Gesamtausgabe* N° 13 (Obras Reunidas – N° 13)

Três perigos ameaçam o poeatar.

O bom perigo, e por isso benfazejo, é a vizinhança do crítico que se encanta.

O mau perigo, e por isso mais agudo, é o próprio poeatar

Deve poeatar contra si mesmo, o que só raramente consegue.

O pior perigo, e por isso confuso, é o pensar o poeatar

Três bênçãos acalentam o poeatar.

A boa bênção, e por isso benvinda, é a distância do gramático que ruge.

A má bênção, e por isso mais aguda, é o desprezo mesmo do ímpeto.

Deve usá-lo contra si mesmo, o que só raramente consegue.

A pior bênção, e por isso confusa, é não conseguir poeatar.

Três impasses sustentam o poeatar.

O bom impasse, e por isso benfazejo, é a presença das normas a ser violadas.

O mau impasse, e por isso mais agudo, é a submissão da poesia a normas.
Deve usá-las contra si mesmo, o que raramente consegue.
O pior impasse, e por isso confuso, é o conseguir mobilizá-las.

Isso mostra a complexidade da poesia e do poetar. De que afinal trata a poesia? Bem provavelmente, da própria poesia, o que envolve os poetas e seus interlocutores. Mas ela fala de coisa do mundo. Se a literatura, e especialmente a poesia, fosse especificamente sobre a vida íntima e/ou social de cada autor, não haveria literatura, mas depoimentos ao gosto dos psicanalistas, ou relatórios sem expressividade, bem como vazios experimentalismos linguísticos.

Obviamente, a vida íntima e a vida social estão presentes, porque tudo é subjetivo no sentido de que tudo se vincula com os sujeitos que somos. E a poesia, e a literatura em geral, ao falar de sujeitos, fala do mundo. Mas não como um relato, um relatório, um manifesto pessoal ou social em si. Ao menos na literatura que vale a pena.

Pode-se objetar mencionando a autoficção. Sim, a autoficção é auto, o autor fala de si. Mas não de si mesmo pessoa física. Ela é sobretudo ficção, mais uma instância de manifestação da personagem de si mesmo que é toda projeção do eu no texto literário. Literatura também não é a transposição de postagens nas redes sociais de cada coisa que se fez desde que se acordou, nem das legendas das fotos aí presente.

É, em prosa, em verso, em prosa poética, uma maneira transfigurada de ver e mostrar o mundo. Claro que podemos postar poemas, mas não é essa a questão. A literatura é um modo coletivo de ver que é ao mesmo tempo profundamente pessoal: cada poeta tem sua poesia, seu modo de poetar, mas é parte da poesia. Mesmo com todas as mudanças nos aspectos externos dos poemas e textos literários em geral ao longo do tempo

Assim, o objeto da literatura não são acontecimentos em si, e a realidade que ela apresenta é criação dela, mesmo se verdadeira, ou talvez por isso mesmo, especialmente na poesia, que não “conta” nada, mesmo que pareça. A literatura retrata, especialmente a poesia, os reflexos pulsantes das dores do mundo filtrados por uma autora ou autor em sua especificidade, seu aqui e agora, no mundo presente, na vida presente. E para além dela. Sempre.

Talvez se possa dizer que, por vezes, a pessoa idealiza algo, e vê depois que o real não era aquilo que idealizou. Mas, em vez de reconhecer a idealização (que a todos atinge), insiste em dizer a si mesma que o ideal se alterou e não seus próprios olhos, que não viam as inevitáveis imperfeições que a tudo se aplica.

Ocorre em outros casos de a pessoa reconhecer a idealização, fruto de seus enganos e necessidades, e viver contente consigo mesma, pois viveu uma ilusão prazerosa, tomou consciência de que era ilusão, e deixou de crer em suas próprias criações fantásticas.

A pessoa também pode vir a ser atingida por um sentimento que não queria ter, que não concebia como possível em si ou que não julgava passível de vir de algo que, em princípio, rejeita, e, em vez de deixar-se levar para aprender algo sobre si, recusa-se terminantemente a reconhecer que, se é real, aquilo é possível.

Ocorre também de a pessoa aceitar esse sentimento que não queria ter, que não concebia como possível em si ou que não julgava passível de vir de algo que, em princípio, rejeita, e, em vez de reagir a ele, dedica-se a aprender sobre si mesma a partir desse sentimento aparentemente inaceitável.

Não será possível dizer: o que é arte senão o esforço de se haver com essas 4 opções para além dos acontecimentos?

Se, como eu sustentei, “a linguagem é a vida da arte e a arte é linguagem da vida”, talvez também se possa dizer que a vida autêntica, feliz, expressiva, é arte e linguagem em unidade. A vida é arte porque é preciso, para viver, em algum momento parar e olhar a própria

vida, e é linguagem porque vida e arte não existem sem os sentidos que a linguagem permite criar: sem linguagem, vida e arte não têm sentido.

Arrisco-me ainda a dizer, para encerrar, que arte e linguagem na verdade são a própria vida. E são vida porque, sem linguagem e sem arte, pode haver existência em termos biológicos, mas de modo algum, em termos humanos, vida!

Maria Carpi

Poesia, um lugar para todos

Na prosa da existência, recuperamos o paraíso perdido através da poesia, desde a infância. Não precisamos de carteira de identidade com foto três por quatro, de conta bancária, de atestado de saúde e residência. Nem precisamos escrever poesia, mas somente ser alfabetizados pela poesia da vida, antes das letras, do dicionário e das bibliotecas. A simples escrita do livro não atesta o coração lírico dos cantares da semente, bem como não justifica não termos contribuído com o poema do bem comum. O livro vem de sobra. Nem todos precisamos ser escritores de poesia. Tarefa árdua e que requer muita disciplina. Mas, somos todos convidados a viver poeticamente.

O tempo é cíclico nas estações da poesia. Um bardo herda de outro bardo o dom de perceber o mundo e o perpassa aos poetas vindouros, nas asas do violino da poesia. Começamos por desenvolver os sentidos, como um instrumento bem temperado. Além dos cinco sentidos – do olfato, do tato, da visão, da audição, do paladar – e a colaboração da intuição poética – também faz parte da sensibilidade, a cordialidade com todos os seres e elementos.

Se nos setores públicos ocorre a gestão da ambição e da ganância, com a exclusão de muitos dos benefícios da vida, a poesia gera um espaço para todos. Como na *Ode da Alegria* de Beethoven, tudo se irmana na diversidade de ritmos e rimas, no concerto de vozes da humanidade.

No início, Poesia e Filosofia estavam irmanadas na mesma fonte: a admiração do ser. E na história do conhecimento, pela especialização, desceram em dois rios. Mas sempre se espelharam. E estamos agora vivendo uma época que suas águas tornam a se cruzar, pois se necessitam reciprocamente. Há um ponto de toda a ciência em que balde desce ao poço de águas vivas da poesia.

Há duas maneiras de falar, como há duas maneiras de pensar. Uma poética e uma lógica.

Há duas maneiras de existir, como há duas maneiras de amar. Uma poética e outra prática.

Há duas maneiras da polis se organizar, mas só uma é poética: o encontro dialógico da cidadania.

Erich Fromm, em *Ter ou Ser*, analisa duas relações de existir. No ter, eu sou o que tenho e o que consumo. Inclusive o eu faz-se propriedade do sujeito. Até os amigos designamos pelo ter. O João pelo Gol vermelho ou a Marina da cobertura da Lucas. Caminho diverso e árduo estabelece o ser. Ser é transformar-se no processo do mútuo relacionamento vivo, de pessoa a pessoa. Ser não é aparecer. No mundo do aparecer contentamo-nos com nossa imagem. No âmbito do ser, o rosto é o que conta. A epifania do rosto como quer Levinas.

Martin Buber aprofunda o tema. Há, no existir, dois pares de palavras-princípio: Eu-Tu ou eu-isso. A palavra princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser em sua plenitude. “O

reino do eu-isso tem tudo como objeto. Aquele, porém que diz Tu, não tem coisa alguma como objeto”. Relação de reciprocidade. Pela poesia, esse encontro dialógico vai mais além do Eu-Tu, convoca um terceiro.

Também para Gaston Bachelard a poesia advém de uma ontologia direta. Ele nos fala da importância do devaneio criador. Não o sonhar vazio, mas o estar à escuta do fluxo da vida, interior e cósmico. Os sonhos acordados dos poetas. E a poesia aparece como compromisso com o ser e o fenômeno de eleição e liberdade. Viver poeticamente é necessário mais ser, como pessoa e como comunidade. Mesmo que não se escreva poesia, urge vivê-la, proferi-la. E mais urge lê-la nas escolas e universidades, mesmo que a disciplina não seja Letras ou Literatura, pois Ciência e Poesia não se opõem. Ambas nascem da admiração e no dizer do cientista-poeta Gaston Bachelard, só podemos conhecer cientificamente “aquilo em torno do que sonhamos”.

Poesia e Filosofia também fluem da dupla fonte: a admiração originária e a apetência de ser. Disso teve aguda consciência Heidegger quem no final de sua obra, vai ao encontro de Hördelin e passa a habitar a linguagem, como pastor do ser.

Conhecer, viver e amar poeticamente é recusar as certezas e se transformar. Só quem pode sonhar tem cidadania plena. Sonhar é um direito como o acesso à comida, ao ar, à água, à saúde, à moradia, ao trabalho. E, principalmente, o direito à dignidade de pessoa.

Avisava Rilke, em suas cartas, ao jovem poeta: “Ser artista não significa calcular e contar, mas madurecer como a árvore que não apressa sua seiva e tranquila enfrenta as tempestades”. A didática da semente.

Sabemos que sonhar é de alto risco, mas não sonhar é ser pela metade. É não viver. É de alto risco, pois nos tornamos matéria de transformação do ser. Tornamo-nos íntimo do mistério da criação. A poesia re-liga, cura, interpreta o mistério e nos põe a caminho, apesar dos empecilhos e dificuldades.

Como enfatiza Maria Zambrano, na união da filosofia com poesia (Razão Poética), a poesia nasce das entranhas. Lembro também que poesia e profetas surgem do mesmo manancial. Isaías: “Dirás no teu coração: quem me gerou estes filhos, pois eu não os tinha e era estéril”.

Aos adeptos dos registros cartoriais, vale lembrar que a poesia é sem dono e sem usucapião. Na *República da Poesia* não há poeta maior ou poeta menor. Apenas a medida do ritmo na respiração do mundo. Sempre cabe mais um, ao dom de conjugar a realidade na originalidade de outra visão criativa da existência.

O espaço e o tempo se juntam no corpo sonhador do poeta. Poesia é um lugar para todos.

Aimée G. Bolaños

Fios de autopoética

Escuto a voz ímpar de Cecília Meireles: “Sê sempre o mesmo./Sempre outro.” Escrevendo-me, imagino as outras; ao escrever às outras, vislumbro-me. Em torno desses reflexos especulares de identidade e alteridade, compartilho uma reflexão de autopoética. Com esta intenção vou me referir a dois livros intimamente ligados entre si, *Las Otras (Antología mínima del Silencio)*¹ e *Escribas*², na tentativa de encontrar fios de uma possível autopoética.

Escrever as outras

Las Otras (Antología mínima del Silencio) resultou de uma crise passional, um dos motivos mais trilhados da história da literatura. Só que a paixão tinha outro referente: o país natal. Desejava escrever sobre minha condição diaspórica que deve recriar suas identidades nos trânsitos culturais e existenciais. No entanto, o livro não se deixava escrever. Perguntava-me que ficção poderia ser mais expressiva dessa problemática identitária e, sobretudo, que sujeito poético criar?

Como minhas perguntas não tinham respostas, resolvi remontar o tempo pessoal. Deparei-me com um imperioso desejo de jogar. Entre minha profissão, a memória cultural, o que nunca aconteceu empiricamente e os sonhos, perfilou-se uma genealogia espiritual. Na verdade, meu ofício estava mais na filiação imaginária que na história “real”, e assim tomou forma uma antologia de mulheres poetas. Quanto mais distantes, mais nitidamente conformavam-se e, ainda assim, formavam parte de mim. Junto com a escritura dos poemas, resolvi compor uma vida mínima para cada uma, especificando seu tempo histórico-cultural, com pretensões de veracidade, mas principalmente feita de projeções, devaneios, reminiscências.

Empreendi um divertido jogo de ficção misturando personagens de referente histórico com outras mais livremente inventadas. Nesse espírito, a antologia reuniu autoras que participaram em movimentos poéticos de notável repercussão, certamente Safo, a maior figura tutelar, recriada no olhar fascinado de uma discípula. Sucessivamente, mas sem ordem temporal, foram se apresentando Angélica Stanza, cortesã ilustrada que, na tradição renascentista, exhibe sua metapoesia. Outras poetas que gravitam na órbita de poetas áulicos, por exemplo, Johann Wolfgang Goethe, ou malditos, mas finalmente canonizados, como Charles Baudelaire e Konstatinos Kavafis. Tal é o caso de Ulrica von Levetzow, Kiria Hafis e Jeanne Duval, vinculadas de modo conflituoso a grandes artistas. Acrescentaria a nebulosa Ana Tereza Ayres, quem sabe se heterônimo de Fernando Pessoa.

Em outras ocasiões, essas mulheres serão interlocutoras, com brilho próprio, de uma prática secular na poesia árabe clássica da época Omeya; também Artemisia Gentileschi, ave rara feminina na história da pintura barroca italiana. Dentro da prática milenar do haikai, Aika

¹*Las Otras (Antología mínima del Silencio)*. Madrid: Torremozas, 2004. [As citações pertencem a esta edição].

²*Escribas*. Madrid: Betania, 2013. [As citações pertencem a esta edição].

Kiu desenvolve sua sensibilidade transgressora. Nesse orbe, Luo Sa, escriba de grande cultura e, portanto, vivendo na beira do abismo, encontra o fio no labirinto de sua opulenta cultura. Escuras e delirantes, Sor Clara de la Gracia e Sórora Filomena da Eucaristia são autoras de uma poesia monástica, subversiva só pelo fato de ser escrita em um mundo repressivo. Esta última evoca as cartas portuguesas de amor desesperado de Mariana Alcoforado, mas sua paixão é tão desafortada que, ante ela, empalidecem os riscos de seu tempo e condição.

Nessa invenção, as brasileiras têm marcas peculiares. Carla Teresinha de Souza deixa testemunho literário em uma quase perdida aldeia marítima; enquanto Gertrudes da Veiga se atreve a rimar quartetos, rendendo culto à poesia nativista do Sul. Nas antípodas, Denise Ieda Alves, baiana, se retrata como *eu* e Iansã, integrada à mitologia iorubá na criação de si. Pela sua parte, as cubanas não podem escapar à obsessão da ilha, também mitificada, como autoras de uma transnação, nação que viaja. Finalizando o livro, apareceu uma poeta cujo referente é a autora da antologia e o prólogo. Ela escreve-se na viagem sempre inacabada, explícita sua identidade nominal. A autora da ficção diz: “siempre ahora/ estoy partiendo/y partida/los trozos que soy/ me navegan (p. 51).

Assim, todas as poetisas da antologia estão dotadas do escuro esplendor de uma existência fragmentada e soterrada pelos poderes de cada época. Mas a poesia dá voz ao silêncio, é uma secreta memória compartilhada que desde a alteridade celebra as identidades sem limites.

Ostensivamente o pensamento sobre *outridade* tem sido fundamental nas minhas buscas autorreflexivas. Pierre Ouellet contribui a um conceito pós-metafísico de identidade/alteridade. Trata-se da identidade do sujeito que não só se descobre, mas se faz nos reflexos tornassóis, ricamente problemáticos da alteridade. Lembrando Vincent Colonna, que invoca o espelho como metáfora seminal da autoficção, mas também no apelo à imagem lacaniana do espelho que não duplica o “real”, quero sublinhar que em *Las Otras* ensaiei uma pós-ficção de história da poesia (lúdica, minimalista), reunindo apócrifos. E vale lembrar que apócrifo significa não apenas falso. Pode-se referir a uma obra de autenticidade não provada, de origem duvidosa, que gera uma discussão em torno à autoria. Pode ser uma obra fora do cânone, mantida na clandestinidade, na contramão da instituição literária e social. Não por acaso *Las Otras* tem por subtítulo *Antología mínima del Silencio*.

No centro do livro estava a problemática da função autoral, mulher neste caso. Essa ficção do sujeito-autora que se autocaracteriza no seu percurso vital e criativo, não mais ontoteleológico ou transcendentalista, implica um ponto de giro nas escrituras do eu ao favorecer uma renovada paixão pela Letra, ponto de vista que assumi com plena consciência. Tanto em sentido existencial como artístico, implica o reflexo de si para si, de si para o outro em convergência, concedendo papel principal a esse autor imerso na ficção, a sua palavra que analisa o próprio fazer.

Com toda intenção deixo Paul Ricoeur para o final deste *raconto*. Fundamenta meu pensar/fazer sua magistral lição de ler o outro como si mesmo. Essas leituras foram complemento e contraponto da práxis criativa e da consciência autopoética. Ao inventar poetisas e seus poemas, comecei a entrever outras formas possíveis. Os vasos comunicantes das vidas – das outras, do eu – motivariam novas experiências criativas.

Nesse processo de busca, o pensamento de Laura Scarano, voltado para as derivas da metapoética na autoficção e aprofundando na autopoética, está presente na minha reflexão atual, quando escrevo este texto em que tento compreender e explicar motivações da escritura. Na sua proposta, a autopoética, implica uma proclamação de pressupostos estéticos focalizados em si mesmo e nas diversas operações autorreferenciais (Scarano, 2017, p. 10).

Escrever as escribas

Na tentativa de ir além da discussão sobre as doses de “verdade” na história e na ficção, fui imantada pelas vidas imaginárias. Nasceu *Escribas*, que me permitia examinar por dentro esse tipo de ficção, revisitando obras anteriores, especialmente *Las Otras*. Na nova experiência estava muito patente Marcel Schwob com *Vidas imaginarias* (1896). No seu prefácio de autopoética deliciosamente provocativa, Schwob disse que o biógrafo não tem que se preocupar por ser veraz, deve criar imerso em um caos de traços humanos, escolhendo entre os possíveis, aquele único para compor uma forma que não se pareça com nenhuma. As ficções de Schwob sinalizam a transição do reino da ilusão biográfica ao reino da ilusão poética. Nessa galeria pessoal de grandes mestres, tem lugar destacado Fernando Pessoa, com seus heterônimos dotados de biografia, e Jorge Luis Borges, leitor de Schwob.

Leitora dessas referências fascinantes, tinha uma interrogante capital: como se compõe uma vida imaginária? Marguerite Yourcenar, compondo *Memórias de Adriano*, traça um valioso caminho de poética quando fala do tempo recobrado na tomada de posse do mundo interior (Yourcenar, 1987, p. 301). Provocante, essa questão do mundo interior que está no cerne das vidas imaginárias. Nessa ordem de pensamento, o conceito de identidade narrativa de Ricoeur oferece um entendimento não essencialista, mas referencial, que me resultou da maior importância ao integrar visão e composição na narração do tempo humano. Para ele, a ficção é um laboratório de formas onde o sujeito se constitui no ato de se narrar. Nessa dinâmica interpretativa, Leonor Arfuch, como leitora atual de Ricoeur, se pergunta por que contamos vidas, seja biográfica ou autobiograficamente. Restabelecer a aura da vida que merece ser contada devolvendo-lhe sua transcendência, ante o silêncio ou o esquecimento, de certa maneira resulta um ato compensatório ante tanto desatino histórico e desencanto político, poderia ser uma primeira resposta provisória, um caminho em perspectiva.

O escritor de vidas imaginárias ao refletir sobre o problema de como contar uma vida, tem consciência da diversidade de versões e variantes, das forças subjetivas em tensão, das contradições entre registros e vozes, seguindo rastros, atento aos mínimos detalhes. Com liberdade compositiva, o autor trabalha a pluralidade de significados da figura. As estratégias liberam-se do paradigma narrativo totalizante, teleológico – transformação também evidente no gênero biográfico atual –, na procura de uma afinada percepção do heteróclito e contraditório do “real” que até desvela a referência como construção do imaginário.

Nessa dimensão estética metaficcional, e conseqüentemente de autopoética, meu interesse principal voltou-se para mulheres heterodoxas que estão escrevendo. Em *Escribas*, a vida imaginária redetermina sentidos e referências, tanto de quem escreve como de quem está sendo escrita, espelhadas Vida e Letra. Confunde-se a voz da protagonista da vida imaginária, com a voz da autora dessa vida que, de forma confessa ou inconfessa, se projeta na “biografada”.

Cada autora é figura-chave. Ademais a autora, que escreve as histórias de escribas, está fazendo autoficção e refletindo sobre sua poética. Todas as escribas abrem perguntas sobre si, sobre sua obra e obrar, em abrangente autorreflexividade, sem que saibamos – na verdade, não mais interessa –, quem é criadora ou criatura; umas das outras fantasma, sombra.

Necessariamente o livro tem uma estruturação dupla: “Histórias de Escribas” e “Escrituras de A”, na mistura de bioficção e autoficção, narrativa e poesia, reflexão e autorreflexão. Tece-se uma trama metaficcional na tentativa de reescrever aspectos da história da cultura letrada protagonizada por mulheres que nos umbram da escritura – copistas, calígrafas, poetisas, místicas, visionárias – ou na eternidade sempre atual do mito conformam uma linhagem, na qual a autora do livro quer se reconhecer.

Todas as escribas biografadas, tocadas pela graça da imaginação, são relevantes

embora não poucas desconhecidas, outras apagadas na história oficial. Nesse conjunto, Sechat, deusa egípcia da escritura (que está na capa do livro) sinaliza o ponto de partida e chegada. Ao final, Nesi Tanebet-Isheru, também nessa prática milenária, incorpora e revive Sechat, como nós, que estamos lendo o livro, para dar forma ao círculo das escribas.

Em primeira pessoa, simulando a voz autobiográfica, as escribas contam suas vidas de modo fragmentário e voluntarioso, com vazios e alusões, quase sempre desde o supratempo da morte. Sechat e Nisaba são mitológicas; Nesi Tanebet-Isheru (2211-2175 a.C.), um híbrido de mitologia e história. Enheduanna (2280-2200? a.C.), Hildegard von Bingen (1098-1179) e Marguerite Porete (1250?-1310), documentadas na historiografia, sua obra, ou parte significativa, hoje pode ser lida. Construídas a partir de vestígios – referência mínima, citação marginal – são Wu Chuan (1043-2031), Nizam (971-1016), Amina da Anunciação (1959) e Aika Kiu (1259-1297), que já estava em *Las Otras* e escreveu um livro inspirado no *Tao*, possivelmente a mais autoficcional.

Elencadas as escribas, detenho-me na emblemática Enheduanna. Se bem o termo autoficção é recente, a prática autoficcional constitui uma pulsão arcaica, tanto que Vincent Colonna remete sua origem a Luciano de Samosata (II d.C.). Mas aqui vale uma pequena revisão histórica: o primeiro autor, significativamente “autora”, com nome reconhecido na história da literatura é Enheduanna, a qual escreve no século XIX a.C.

Em *Escribas*, aparece desta maneira: “Yo, Enheduanna, ahora resplandezco en la historia de la cultura (...) Comienzo a escribir apenas 350 años después de la escritura estar constituida. Mi tempo es el alba.” (p. 26). Depois de contar os percalços de uma vida muito conturbada e resenhar sua obra, Enheduanna ainda nos desafia:

Significo el inicio explícito del yo en la escritura, que no ha tenido fin y hoy tiene nombres innumerables. Sin embargo, aunque me muestro y duplico en espejos de todo tipo, o quizás por eso mismo, mis poemas son un juego de ocultamiento y exhibición en los que yo, autora y personaje, pudiera ser la representación más enigmática. (p. 30-32)

Junto as escribas, uma autora chamada A escreve sobre si e desenvolve ideias em torno às “Histórias de Escribas” que está escrevendo. No final do fragmento XXI, A pensa a palavra poética. Se a escritura parece não ter espaço nos tempos sombrios, talvez seja aí onde paradoxalmente revela seu sentido: “La escritura comienza cuando son abandonados los propósitos y se vislumbra el silencio abismal, que no es un no ser, sino una plenitud vacía, donde ahora caben todas las palabras.”(p. 93) Todas elas escrevem de modo transnarcista, pelo menos no desejo da autora. Habitadas pela obra por vir, saem de si na pulsão criativa. A questão das identidades é recorrente: quem sou, por que escrevo, como habito a realidade.

As figuras relacionam-se entre si executando o tema dominante da autoria que tem numerosos desdobramentos: amor, morte, memória, errância, viagem, com o baixo-contínuo de estar escrevendo. As formas conjecturais convidam às muito pessoais desleitura.

Escrever sem fim

Vista em conjunto esta experiência de escrever sem fim – de forma inacabada, gratuita – poderia dizer que tudo gira em torno à desafiante identidade, em uma composição inconclusiva e inconclusa, talvez alusiva ao viver. As figuras de *Las Otras* e de *Escribas* movem-se no produtivo intervalo entre o pessoal e o suprapessoal de modo autorreflexivo, voltadas para si na vivência da identidade e alteridade que as constitui. Imaginadas sob o signo do exílio espiritual e a errância, em correspondência com seu ofício, estas mulheres de ficção estão em processo, suas histórias de vida – mínimas, apócrifas, conjecturais – projetadas à série interminável da escritura-leitura.

Indagando nos deslocamentos ontológicos e histórico-culturais, na transumância simbólica e experiência radical da alteridade, as poetas de *Las Otras* e as escritoras de *Escribas* exploram as identidades alternativas que as distinguem. Suas vidas e obras, assim como a vida e os escritos da autora que se autoficcionaliza nos dois livros, tentam criar um efeito de verdade que em modo algum se contrapõe à ficção. Inclusive, a autora deste texto atrevidamente está ensaiando uma autopoética.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. La ilusión biográfica. *Historia y Fuente Oral*, n. 2, Barcelona, n. 2, p. 29-35, 1989.
- COLONNA, Vincent. *Autofiction & autres mythomanies littéraires*. Paris: Tristram, 2004.
- HAREL, Simon. Le fauteuil d'écoute. In: HAREL, Simon; JACQUES, Alexandre; ST.-AMANT, Stéphanie (Orgs.). *Le cabinet d'autofictions*. Montréal: Cahiers duCélat-UQÀM, 2000. p. 25-44.
- MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. São Paulo: Moderna, 1981.
- OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montréal: VLB, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Sí mismo como otro*. Madrid: Siglo XXI, 1996.
- SCARANO, Laura. Escribo que escribo: de la metapoesía a las autopoéticas. *Tropelías*, n. 2, p. 133-152, 2017.
- SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginarias*. Estudio preliminar y traducción de Julio Pérez Millán. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.
- YOURCENAR, Marguerite. *Memorias de Adriano*. Trad. de Julio Cortázar. Barcelona: Salvat, 1994.

Participantes no livro:

Adail Sobral: Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC/SP). Estágio pós-doutoral na Université de Paris. Docente e Coordenador do PPG Letras FURG, RS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – PQ 2 – CNPq. Autor de *A Filosofia Primeira de Bakhtin* (Campinas: Mercado de Letras, 2019); *Do dialogismo ao gênero – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin* (Campinas: Mercado de Letras, 2009), e de *Dizer o “mesmo” a Outros – Ensaio sobre Tradução* (São Paulo: SBS, 2008). É um dos organizadores do livro *Conversas com Tradutores* (Parábola, 2003), ao lado de Ivone Benedetti e autor de seu Posfácio. Publicou, ainda, diversos capítulos de livros e artigos em periódicos sobre temas de linguagens. Poeta bissexto.

Beti Farias: nascida em Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Mergulhei no universo da linguagem ao perseguir meus estudos em Letras Português-Espanhol na Universidade Federal de Rio Grande, culminando em um mestrado em Letras, com ênfase em história da literatura na mesma universidade. No mestrado e na vida, minha linha de pesquisa busca a relação entre poesia e o imaginário simbólico, explorando as profundezas da linguagem poética e sondando os mistérios entrelaçados com mitos e símbolos em uma jornada para desvendar os segredos ocultos no tecido da expressão artística e no painel de imagens que compõem o quadro onde todas as crenças e anseios humanos culminam. Como professora de português e literatura brasileira, um dos maiores êxitos é levar a linguagem também como um portal para os reinos da imaginação, um jeito de experienciar a origem, o delírio e o intangível, talvez porque seja essa também minha procura quando leio ou escrevo literatura.

Cláudia Borges: nascida em Bagé, rio-grandina de coração. Nas horas vagas tento cantar, dançar e escrever. Mestranda em Letras – FURG. Publiquei poemas em coletâneas com o coletivo Poetas Papareias: Nossos Poemas e Papareinha; com o coletivo Escritores de Quinta: Delírios de Quinta; e minicontos e poemas em jornais e revistas. Participo dos coletivos: Literato Dente de Leão, Mulherio das Letras, Escritores de Quinta e Poetas Papareia e dos grupos de pesquisa Poéticas Orais e Pensamento Decolonial e Literatura e Identidade na América Latina. Para mim, a escrita é a possibilidade de criar novos mundos, sem limites.

Cristina Fuentes: natural de Rio Grande/RS, é Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Sua jornada acadêmica inclui ainda o título de Mestre em Letras, com ênfase na área de História da Literatura. Atualmente, encontra-se imersa no doutoramento na mesma instituição, dedicando-se ao aprofundamento de seus estudos na área de História da Literatura, com especial ênfase na escrita de autoria feminina. Apesar de sua relação com a leitura e encanto pela poesia, recentemente passou a explorar sua própria voz poética. Sua incursão na escrita de poesia não apenas revelou uma nova faceta de sua expressividade artística, mas também comprovou a ideia de que a literatura é uma fonte constante de renovação e autodescoberta.

Diego Ravarotto: natural de Rio Grande/RS, é Mestre em Letras, com ênfase em História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sendo também Licenciado em Letras Português/Inglês pela mesma instituição. Enquanto professor de língua estrangeira, atuou como docente da rede pública de Rio Grande dentre os anos de 2021-2023. Atualmente, é discente do Doutorado em Letras da FURG e, no que diz respeito a sua jornada acadêmica, esteve sempre envolvido com literaturas de resistência, desde a poesia marginal, que compôs o *corpus* de sua dissertação – “Erotizando o verso, pornografando a rima: sádicos, masoquistas e transgressores na lírica de Glauco Mattoso” – até a pesquisa atual, que engloba as áreas de gênero e sexualidade, literatura erótico-pornográfica e autoria feminina. Enquanto escritor, esteve inserido no universo da escrita desde muito cedo, tendo mantido, durante sua adolescência, uma quantidade considerável de blogues com textos originais, desde poemas até capítulos de livros, que, no futuro, viria a engavetar. Dormente nos últimos oito anos, a prática da escrita literária retornou a sua vida com a participação no curso de Autopoética, primeira vez que o escritor foi levado a ficar de frente ao espelho, pensando os pormenores de sua escrita corporificada e tencionada pelos exageros do ser.

Giulia Guadagnini: nasceu em Rio Grande em 1997, é escritora em trajetória e leitora curiosa. Organizou por dois anos (2021-2022) o Clube de Leitura Conjunta. Integra os coletivos Mulheres de Escrita e Mulherio das Letras Rio Grande. Entre suas publicações estão poemas e contos na *Zine Marítimas* e na *La Loba Magazine*. É coautora de quatro antologias lançadas pela Editora Libertinagem: *Sete mulheres minicontam* (2022), *Travessia* (2022), *Sentimento do mundo* (2023) e *Mulheres minicontam a Arte* (2024). Em 2024, seu primeiro livro solo, *Da maré dos meus olhos abertos & outros contos*, foi selecionado para publicação na 5ª Lei do Livro de Rio Grande, na categoria Literatura. É licenciada em Letras, Português/Inglês, mestre e doutoranda em Letras, História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG. É bolsista CAPES e integra o grupo de pesquisa ÍCARO [Interdisciplinaridade, Crítica ao Autoritarismo, Regionalidade e Oralidade] como pesquisadora.

Irene de Marco Ferreira: natural da cidade de Rio Grande/RS, Brasil. Filha de Heráclito e Ivaema, irmã de Cleusa, Tito Cesar e Eliane, mãe de Bruno, Laura e Natália e avó de Rafael, Lorenzo, Davi e Teresa. Família sempre foi e é sua base, sua responsabilidade e seu amor maior. Graduada em Engenharia Eletrônica Operacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1978, exerceu sua profissão na Companhia Estadual de Energia Elétrica até a aposentadoria. Posteriormente, graduou-se em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande onde continuou seus estudos e obteve o grau de Mestre em Letras com ênfase em Estudos da Linguagem no ano de 2021. Suas primeiras aventuras como escritora foram algumas crônicas publicadas no então *Jornal Agora* de sua cidade natal nos anos de 2018 e 2019. Em 2021 participou como uma das autoras do *Nosso Livro*, organizado por Gisela Sparremberger, publicado e lançado na Feira do Livro de Porto Alegre pela Editora AGE. Com a mesma editora publicou, em 2022, sua primeira obra solo *Nua e Crua: pronta para ser desvendada*, também lançada na Feira do Livro da capital gaúcha.

Ivonne Sánchez Sánchez-Barea: Poeta y artista. Nació Nueva York (1955). Origen hispano/colombiana. Residente en Granada – España. Estudió arte en Madrid. Fundó y presidió organizaciones Internacionales en áreas de la Cultura, Literatura y Medio Ambiente. Miembro de Comités Científicos, Asociaciones y Movimientos Culturales como el Foro Internacional de Pensamiento y Cultura. Premiada en certámenes de poesía, arte, medio ambiente y relaciones internacionales. Artículos y ensayos en revistas académicas, culturales, literarias y científicas internacionales. Asesora Cultural Internacional. Antologadora Internacional con varias publicaciones. Ha ilustrado libros y antologías. Cuarenta libros publicados. Los más recientes: *Mujer, Consciencia* y

Cosmos, Mujer Gaia, Celajes y Ventanas, Pan para Pájaros, Haikus/Haygas, Sed Agua, Hendijas Florecidas, Crepúsculos Muisca, 90” y Eternidad. Ha expuesto su obra artística en Museos, Centros Culturales españoles, europeos, africanos y americanos. Frase de autodefinición: Soy verdad que crea mundos de color y expresa palabras. Vuelos y cantos entre plumas y pinceles. Constante búsqueda del auténtico lugar interno de esta creación que emana como fuente de vida.

Josineide Silva: nascida no Nordeste do Brasil, mais precisamente no recôncavo baiano. Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Possui alguns capítulos de livros publicados, sendo alguns deles *Antologias poéticas*. Sua obra mais significativa é o livro *Pedagogia de Cordel: uma metodologia de ensino Estético-Ambiental*, fruto da dissertação de mestrado. É estudante e pesquisadora dos grupos: “Crítica Feminista e Literatura de Autoria Feminina”, pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e “Literatura, Imaginário e e Poéticas da Contemporaneidade”, pela Universidade do Rio Grande – FURG. Poeta, escritora e cordelistas. Uma frase definidora: Somos poeira de estrelas que se dissipa facilmente no ar, eternizados apenas pelos rastros que deixamos em nossa rápida passagem sobre a Terra.

Lena Fuão: natural de Rio Grande. Professora do IFSul-Pelotas e Doutoranda em Letras pela FURG. Autora de *Sobre a pessoa e outros poemas* (2012) e *lave a boca pra falar de poesia* (2017) pela Editora Livraria Mundial, *Entra que tá chovendo* (2020), pela Editora Gataria, *Toda poesia é uma porta para o céu* (2022), Editora Voz de Mulher, e *Coisas de nunca* (2024), Editora Libertinagem. Ganhou o Prêmio Literário Castro Alves (2013), na categoria conto, Medalha de Ordem do Mérito pela Academia Pelotense de Letras (2019), Menção Honrosa Prêmio Off-Flip Conto (2022) e 2º Lugar Poesia Prêmio Sintrajufe/Mário Quintana (2022). Possui participação em diversas coletâneas como, por exemplo, nos livros *As coisas que as mulheres escrevem* (2019), obra inaugural da Editora Desdêmona, *De labirintos e espirais – sete poetas de Rio Grande* (2021), da Editora Patuá, bem como *Mulherio de Portugal – Prosa e Verso* (2021), da Editora In-finita. “Meu verso é confissão”

Lady Rojas Benavente: peruano-canadiense, escritora trilingüe y promotora cultural, nació en Chachapoyas, Amazonas. Se tituló en 1968 de profesora secundaria de Filosofía y Literatura en el Instituto Pedagógico Nacional de Monterrico. Labora y vive en Canadá desde fines de 1975. Empezó en 1980 sus estudios de historia y letras francesas. Se graduó becada con Master en literatura española en Ottawa University y el doctorado en la Université Laval de Quebec. Hizo su investigación en el Colegio de México. Implementó los Estudios de Género en universidades de Ontario y Quebec. Desde 2019 es profesora emérita y presta servicios a revistas canadienses y extranjeras, literatas, comunidades e instituciones latinoamericanas. Directora de “Crítica Canadiense Literaria sobre Escritoras Hispanoamericanas” (CCLEH, 1994-2024), promueve el desarrollo de estudiantes con obra de autoras reconocidas y no-canónicas. Presenta artistas, científicas, antropólogas, esposas de mineros peruanos, viudas de chilenos desaparecidos, críticos y otros. Parte de su producción feminista comprende, *Canto poético a capella de las escritoras peruanas de 1900 a 1960*, *Alumbramiento verbal en los 90*, *Escritoras peruanas: signos y pláticas* y *María Jesús Alvarado Rivera, El Feminismo. Educación Femenina*. Me volví poeta militante y con las palabras recreo mi peregrinaje terrestre y estético en enlace a Otros.

Maria Carpi: nascida em Guaporé, RS. Professora, advogada, Defensora Pública. Autora de *Nos Gerais da Dor, Vidência e Acaso, Desiderium Desideravi e Os Cantares da Semente, O Caderno das Águas, A Migalha e a Fome, A Força de Não Ter Força, As Sombras da Vinha, O Herói Desvalido e O Perdão Imperdoável, Abraão e a Encarnação do Verbo, A Chama*

Azul, O Senhor das Matemáticas. Vidência e Acaso. Em 2016, lançou *O Cego e a Natureza Morta, O Desvario do Pólen.* Em 2017, *Tudo o que é belo é efêmero.* Em 2018, quando Patrona da 64ª Feira do Livro de Porto Alegre, *Uma Casa no Pampa* e o livro infanto-juvenil, *O Quebra-Galho e O Faz de Conta.* Em 2018, *O Que Resta Está por Vir,* em 2023 e *A Esperança contra a Esperança.* Entre os prêmios, obteve o Prêmio Revelação Poesia/1990 da Associação Paulista dos Críticos de Arte, pela obra de estreia, *Nos Gerais da Dor,* depois editado na Itália com o título *Nel Dolore Sconfinato,* (tradução de Brunello de Cusatis); *A Chama Azul,* sobre Joana D'Arc, (tradução de Helena Ferreira) e *O Herói Desvalido* (bilíngue, tradução de Helena Ferreira e Sandrine Pot) foram publicados na França. com os títulos *La Flamme Bleue* e *Le Héros Malgré Lui.* Seus poemas aparecem no livro *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo,* de Nelly Novaes Coelho. Tem participado em diversas antologias de poesia e revistas especializadas. Lecionou a disciplina *Linguagem Jurídica,* na Faculdade de Direito da PUC. Foi Conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente representado a Defensoria Pública e a OAB/RS. É membro do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul e representou, por dois anos, a Associação dos Escritores Gaúchos no Conselho Estadual de Cultura.

Organizadoras:

Aimée G. Bolaños: nascida em Cuba, renascida no Brasil. Professora de literatura na pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Brasil. Professora adjunta na University of Ottawa, Canadá. Doutora e pós-doutora. Autora de numerosos artigos em revistas internacionais, Brasil e Cuba. Conferencista em universidades de Cuba, Brasil, Canadá, Argentina, Colômbia, México, Portugal, Espanha, França, Ucrânia. Autora de livros de ensaios mais recentes: *Poesía insular de signo Infinito* e *Oficio de lectora.* Como coautora *Vozes negras da literatura das Américas, Ficções da história, Identidades em diálogo.* Obra de ficção: *El Libro de Maat. Las Otras (Antología mínima del Silencio), Las palabras viajeras, Escribas, Visiones de mujer con alas, Alada viajera, El juego de los trigramas/O jogo dos trigramas, Erótica Medusa, Andante.* Os tres últimos, bilíngües. Aparece em diversas antologias: *El espacio no es un vacío* (Canadá), *Antología de la poesía cubana del exilio* (Espanha), *Catedral sumergida* (Cuba), *Las piedras clamarán* (Cuba), *Que lo diga el mar* (EE.UU.). Traduzida a diferentes línguas, também traduzes poesia do português e do inglês. Atualmente estuda poesia de autoria feminina e autopoética. Gosta de inventar identidades e vidas. Como Antígona, acredita que nasceu para compartilhar amor. Iansã lhe ensina que além do medo está sua casa.

Lilian Ney: mãe, feminista, poeta, escritora e agitadora cultural. Escreve poemas, crônicas, contos e minicontos que falam do cotidiano, de amor, da morte, das saudades e de tudo o que a habita e transborda. Coautora e organizadora dos livros: *Nossos poemas* (2017) e *Papareinha– Poesia Infantil* (2020), pelo coletivo Poetas Papareias. Escreveu também, em coautoria, *Vitrais – Contos do Invitro* (2015) e *Condomínio Saint Hilaire* (2016), pelo “Invitro”. Pelo Escritores de Quinta participou, em coautoria, do *Delírios de Quinta* (2023). Escreve também para revistas online, entre elas: *Zine Marítimas, La Loba Magazine, LiteraLivre,* além dos desafios em grupos do Instagram e outras redes sociais. Atualmente participa de movimentos de leitura e troca de experiências entre escritoras e escritores: Mulherio das Letras Rio Grande, Leia Mulheres Rio Grande, Escritores de Quinta e Poetas Papareias. Tem dois projetos culturais literários: *Sopradores de Poesia* e *Liberte um Poema* com centralidade na escrita e leitura de poesia. Organiza saraus e oficinas de escrita. Frase que a define: *nem tudo o que escrevo é sobre mim, mas tudo o que escrevo habita em mim.*

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

Beti Farias
Cláudia Borges
Cristina Fuentes
Diego Ravarotto
Giulia Guadagnini
Irene de Marco Ferreira
Josineide Silva
Lena Fuão
Lilian Ney
Aimée G. Bolaños

Convidados
Adail Sobral
Lady Rojas Benavente
Ivonne Sánchez-Barea
Maria Carpi

ISBN 978-65-5754-242-2



9 786557 542422